



ANO 6 - NÚMERO 68 - JUNHO 2020

# Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

## AMAZÔNIA: AVANÇA O DESMATAMENTO NA FLORESTA

p. 08

### CONSCIÊNCIA NEGRA

Tenha Rumbê, Sérgio  
Camargo!  
p. 18

### PERFIL

Lucélia Santos:  
Estrela das boas causas  
p. 38

### SAGRADO INDÍGENA

Um mundo que acabou  
p. 41

#ACAIXA  
É TODA  
SUA

# ORGULHO QUE VIRA EXEMPLO DE VIDA.

Obrigado, Pessoal da Caixa, por atenderem diariamente milhões de brasileiros e os ajudarem neste momento tão difícil. Vocês são motivo de orgulho para todos nós.

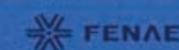
Orgulho também temos da Caixa, por ser a responsável pelo pagamento do Auxílio Emergencial e de outros tantos benefícios. Por isso, a Caixa deve manter-se 100% pública, forte e de todos os brasileiros.

## OBRIGADO, PESSOAL DA CAIXA.

**VOCÊS SÃO ESSENCIAIS  
PARA O BRASIL SEGUIR  
EM FRENTE.**

Caixa 100% pública para todos os brasileiros e brasileiras.

[www.acaixaetodasua.com.br](http://www.acaixaetodasua.com.br)



COMITÊ NACIONAL  
EM DEFESA DA CAIXA



“ **Em uma sociedade racista,  
não basta não ser racista.  
É preciso ser antirracista** ”

Angela Davis

## COLABORADORES/AS - JUNHO

**Ailton Krenak** – Escritor. **Alberto Cesar Araújo** – Capa. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Emir Bocchino** – Designer Gráfico. **Emir Sader** – Sociólogo. **Iêda Leal** – Professora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Henda** – Escritora. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Ribamar Bessa Freire** – Professor. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Lúcio Flávio Pinto** – Jornalista. **Reinaldo Filho Vilas Bôas Bueno** – Escritor. **Thiago de Mello** – Poeta. **Zezé Weiss** – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

**Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista. **Agamenon Torres Viana** – Sindicalista. **Ailton Krenak** – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ângela Mendes** – Ambientalista. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Sader** – Sociólogo. **Graça Fleury** – Socióloga. **Jacy Afonso** – Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** – Sindicalista. **Kleitton Morais** – Sindicalista. **Lucélia Santos** – Atriz. **Iêda Leal** – Educadora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Rosilene Corrêa Lima** – Jornalista. **Trajanos Jardim** – Jornalista.



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

**O** Brasil engatou marcha à ré no seu processo de desenvolvimento, e a ordem em vigor é colonialista, de exportação de matérias-primas brutas, sem valores agregados, e sem novas tecnologias. No entanto, a revista Xapuri segue o caminho inverso, da busca pelo que há de mais moderno no mundo, no campo editorial.

A Editora Xapuri passa a atuar com vontade no universo dos livros virtuais, um mercado crescente e fascinante, pela diversidade de ações que nos proporciona. Livros já editados em papel serão apresentados nesse novo formato, junto com muita coisa nova que orgulhosamente temos a oferecer.

Grande parte dos eBooks que iremos lançar são baseados em matérias já publicadas pela revista, que ganham novas feições e reforçam o valor da informação e o prazer da leitura. Fiquem atentos na Net, pois estamos entrando nas sete principais plataformas de difusão da literatura virtual.

Sim, mas vamos falar alguma coisa da Xapuri número 68, que começamos a folhear. Sua matéria de Capa tem o claro propósito de demonstrar que o desmatamento avança na Amazônia, apesar da grande mídia ter deixado o assunto de lado por um bom tempo. Ao contrário, o desmatamento criminoso tem aumentado.

Os dados são do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), que mantém sólida estrutura de acompanhamento, via satélite, da evolução da ocupação da região amazônica. O governo brasileiro tem adotado medidas e dado outros sinais aos grileiros, madeireiros e mineradores – as porteiras estão abertas, inclusive as de terras indígenas.

A situação se tornou mais grave com o advento do Coronavírus, pois os invasores de áreas indígenas levam a doença com eles, além de armas e uma cesta de maldades. São visíveis as intenções dos atuais governantes de enfraquecer ao máximo os órgãos de fiscalização, como o Ibama e o ICMBio, com demissões de funcionários aplicados, cumpridores de seus deveres.

Como de costume, todavia, nossa revista tem muito mais. Uma grande variedade de temas, bem ilustrados, que vale a pena conferir!

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





## Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

"Preferidas por Vênus, a Deusa do amor, são a rosa, a violeta, a murta, a flor de laranjeira e a íris. As flores têm sido usadas, desde há muito tempo, em trabalhos de magia e, todas elas, têm suas estórias e lendas. A cada uma atribui-se um poder. (...) A magia do reino vegetal reside no conhecimento do espírito das flores em artes mágicas. Para que o exercício dos poderes das flores se realize plenamente, é preciso que certas regras sejam observadas. Essas regras dizem respeito às horas de colheita, à secagem de flores e folhas e, sobretudo, às combinações de suas essências" (Henda) – trecho de um dos maravilhosos textos da revista Xapuri Socioambiental de abril. Dentre os autores, Zezé Weiss, Jaime Sautchuk, Emir Sader, Iêda Leal, Ailton Krenak. Lendas indígenas, saúde, ecoturismo, lutas sociais, soberania, arte, política, meio ambiente: certamente uma das três melhores revistas mensais do Brasil atualmente. Quando terminar a assinatura, vou renovar!

Anna Fonseca, Campinas – SP.



**08 CAPA**  
Amazônia: avança o desmatamento na floresta

**20 CONJUNTURA**  
A vingança do Estado contra o mercado

**15 BIODIVERSIDADE**  
O Uirapuru

**22 MEMÓRIA**  
Rubens Gomes: o luthier da esperança

**18 CONSCIÊNCIA NEGRA**  
Tenha rumbê, Sérgio Camargo!

**26 ECOTURISMO**  
Quem parte é saúde de alguém que fica

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

**28 EDUCAÇÃO**  
O lamento da universidade e a oportunidade da Covid-19

**38 PERFIL**  
Lucélia Santos: estrela das boas causas

**31 FORMOSA**  
Glorinha: costurando e tecendo o fio da vida

**41 SAGRADO INDÍGENA**  
Um mundo que acabou

**32 CULTURA**  
Um olhar Naif nos tempos da Covid-19

**42 SAÚDE**  
E daí? Diga lá, Babu, o que fazer?

**33 MITOS E LENDAS**  
A criação do mundo

**46 SUSTENTABILIDADE**  
Uma leitura de cego da encíclica *Laudato Si*

**34 HISTÓRIA SOCIAL**  
O Brasil do capitão Xawara

**48 UNIVERSO FEMININO**  
Deusa Hécate: a prestigiada do tempo

**36 GASTRONOMIA**  
Pão de queijo, o mineirinho mais amado do Brasil

**37 VIDA SAUDÁVEL**  
Como secar flores e folhas

## Xapuri Loja Solidária

## Imagem do mês

@revistaxapuri

@flavinhovbv

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

**#revistaxapuri**

Sua foto pode aparecer AQUI!



# AMAZÔNIA: AVANÇA O DESMATAMENTO NA FLORESTA

Jaime Sautchuk

**É** como se, num voo comercial de Manaus a Brasília, ao sobrevoar as proximidades da BR-163 (Cuiabá-Santarém), na altura da Base do Cachimbo, o comandante falasse, no sistema de som:

- Senhoras e senhores passageiros, por gentileza olhem para baixo, pelas janelas, para que vocês possam confirmar o que eu vou dizer: lamento informar que o desmatamento da Amazônia não parou, muito pelo contrário, segue firme e forte, a todo vapor.

A sequência tem tudo pra ser verdade. O ímpeto indignado do piloto, e o avanço da derrubada da floresta no Sul do Pará, numa região até há pouco preservada, parece alarmante, mas é a realidade nua e crua. Novas medidas e novos sinais do governo federal abrem de vez a porteira da floresta a madeireiros, mineradores e ruralistas, que lideram o saque descontrolado que vem ocorrendo na Amazônia.

A constatação pode ser feita a olho nu, tal sua dimensão. Mas há dados mais rigorosos, que são dramáticos. O desmatamento da floresta amazônica, monitorado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), cresceu 63,75% em abril deste ano, se comparado ao mesmo mês de 2019. Segundo o sistema Deter, foram emitidos alertas para 405,6 km<sup>2</sup> em 2020, enquanto no ano passado, no mesmo período, foram 247,7 km<sup>2</sup>.

Somente de janeiro a abril deste ano, por exemplo, já foram derrubados 1.202 km<sup>2</sup> de florestas. A quantidade é 55% superior à observada no mesmo período de 2019, que foi de 773 km<sup>2</sup>. Na comparação mensal entre abril com março deste ano, o aumento foi de 24,2%.

O Deter é um levantamento rápido de alertas de evidências de alteração da cobertura florestal na Amazônia, feito pelo Inpe, com precisão. O programa foi desenvolvido como um sistema de alerta para dar suporte à fiscalização e ao controle do desmatamento e da degradação florestal, realizados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e demais órgãos ligados ao assunto.

Diante do surgimento de outros temas, mais urgentes

na demanda de espaço, a grande mídia deixou o desmatamento um tanto quanto a escanteio. Contudo, o sumiço das telinhas, das páginas escritas, das ondas de rádio e das redes sociais da net não é capaz de escamotear a realidade. As novas demissões no Ibama, a omissão na fiscalização do transporte, as medidas legais tomadas pelo governo e as falas de autoridades federais apontam no sentido contrário - e pedem atenção da mídia e da sociedade, antes que seja tarde.

Aumentou significativamente, também, o fluxo de pessoas em áreas de acesso restrito, como parques, terras indígenas e outras zonas supostamente protegidas. Junto com essas pessoas, entram máquinas (retroescavadeiras e outros tratores), caminhões, jipes, geradores de energia, motosserras, correntões e vastas quantidades de ferramentas usadas no desmatamento e em garimpos.

A derrubada das árvores percorre a mesma trilha das grandes queimadas que devastaram o território amazônico no ano passado, resultado da atuação predatória de grandes fazendeiros e de setores do agronegócio. No entanto, com o ritmo atual da destruição, a perspectiva é ainda mais negativa e a taxa oficial deve ser ainda mais alta em 2020. E a previsão é de reinício das queimadas, como parte do processo de desmatamento.

## GRILAGEM

A grilagem (ocupação de terras públicas) de enormes áreas ganha terreno a passos largos, agora até pelo caminho legal. Uma medida provisória do governo federal, facilitadora da regularização fundiária, tramitava no Congresso Nacional, mas perdeu o prazo de votação. Foi substituída, todavia, por um projeto de lei com o mesmo conteúdo, que legaliza a grilagem.

"O desmatador ilegal e o grileiro não fazem *home office*, não ficam em casa na pandemia. Eles estão lá, estão agindo. Não é uma questão de acreditar ou não. Os dados são do Inpe, um órgão muito sério, reconhecido por sua excelência na geração de informação, e estão





Foto: divulgação / Renê Oliveira/Ibama

mostrando que o desmatamento está crescendo”, salienta o porta-voz da Campanha de Defesa da Amazônia, da ONG Greenpeace Brasil, Rômulo Batista

O biólogo do Greenpeace alerta que o próximo passo, dentro do protocolo já conhecido do desmatamento ilegal, são as queimadas. “Derrubam a floresta e depois queimam essa área para destruir toda a matéria orgânica que está ali. Isso vai coincidir com o pico da pandemia aqui no Amazonas. Temos dois problemas grandes, porque as queimadas trazem problemas respiratórios, por causa das fumaças e das cinzas”.

De toda forma, o governo já vem aceitando o Cadastro Ambiental Rural (CAR) como documento definitivo de propriedade, o que é uma distorção completa das finalidades desse documento. O CAR, em verdade, é um documento autodeclaratório, em que o proprietário rural apresenta um relatório sobre a situação ambiental do seu imóvel, cujo objetivo é atualização das informações ambientais do campo brasileiro. Ele faz parte do Sistema Nacional de Informações sobre Meio Ambiente (Sinima), programa da alçada do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

O processo se acelerou bastante no início de maio último, quando o presidente da República decretou uma ação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), medida que dá poder às Forças Armadas sobre todas as operações contra desmatamento ilegal e incêndios na Amazônia Legal.

Com o decreto nº 10.341, Bolsonaro oficializou a retirada da autonomia de órgãos de proteção ambiental responsáveis por essas ações, como o Ibama e o ICMBio, e os colocou sob a tutela dos militares. É medida temporária, mas pode ser estendida caso satisfaça os objetivos do governo. Essa GLO tem validade de 11 de maio a 10 de junho de 2020, na faixa de fronteira, nas terras indígenas,

nas unidades federais de conservação ambiental e em outras áreas federais da Amazônia.

Desde o ano passado, o presidente tem declarado a intenção de ampliar a aplicação de ações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), com o uso das Forças Armadas, especialmente em ações de reintegração de posse contra movimentos de luta pela reforma agrária. Ou seja, o foco principal é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de modo que essa legislação é dotada de forte conotação política.

Talvez ele esteja querendo usar a questão ambiental pra testar o uso desse contingente fora de suas funções, com poder de polícia. Mas o fato é que tema voltou ao debate nacional, no fim novembro de 2019, com a apresentação, pelo governo, de um projeto de lei que propõe a ampliação do excludente de ilicitude para militares que atuarem em operações de GLO. Ou seja, isenta de punição militares e policiais que se excederem nessas ações.

Um pouco antes dessa medida, em 22 de abril, a Fundação Nacional do Índio (Funai) publicou uma instrução normativa, segundo a qual todas as 235 terras indígenas que estão em processo de demarcação no país deixam de ser um empecilho para o registro de propriedades privadas. Fica aberto, assim, um verdadeiro festival de certificados de propriedade de fazendas em territórios indígenas.

### CRIMES LEGAIS

Enquanto isso, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, tem feito esforço pra adotar medidas que imponham a posição do governo na questão ambiental, que é de afrouxar a legislação, pra facilitar a ação dos exploradores. Na tenebrosa reunião ministerial, por coincidência, do dia 22

de Abril – a tal que foi gravada em VT e teve a gravação liberada pelo ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal – Salles disse que o momento atual é uma “oportunidade” pra “ir passando a boiada e mudando todo o regramento, simplificando normas de baciada”.

Ele explica: “Estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de Covid-19 – abre-se uma oportunidade que nós temos, que a imprensa está nos dando um pouco de alívio nos outros temas, e passar as reformas infralegais de desregulamentação”.

Recentemente, Salles deu sinais de que o governo não irá tolerar repressão aos garimpos de ouro (atualmente ilegais) em terras indígenas. Em 13 de abril, ele exonerou dois servidores de carreira do Ibama que apareceram em uma reportagem do programa Fantástico, da Globo, que mostrava o combate ao garimpo ilegal, inclusive com a destruição de equipamentos dos garimpeiros, como previsto em lei – mas criticado por Jair Bolsonaro.

Esse, aliás, é um debate que parecia esgotado há muito tempo. Não faz sentido, por exemplo, a fiscalização do Ibama flagrar um grupo fazendo desmatamento ilegal, aplicar uma multa e ir embora, deixando máquinas e ferramentas no local. A atividade criminosa recomeça no minuto seguinte. Por isso, a destruição dessas peças faz parte de qualquer operação de contenção da ação dos devastadores das florestas.

### PLANO GLOBAL

O fato é que o governo brasileiro se movimenta pra ficar do lado daqueles que praticam ilegalidades, que invadem terras públicas e que estão contra a lógica do resto do mundo. Segue no sentido contrário de decisões internacionais sobre o clima no planeta Terra, em especial o Acordo de Paris sobre o Aquecimento Global, assinado por 195 países, inclusive o Brasil, em dezembro de 2015.

Esse acordo faz parte da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC), que rege medidas de redução de emissão de gases de efeito estufa a partir de 2020. Seu objetivo é conter o aquecimento global abaixo de 2°C, preferencialmente em 1,5°C, e reforçar a capacidade dos países de responder ao desafio, num contexto de desenvolvimento sustentável.

O objetivo da convenção está descrito no artigo 2º, “o reforço da implementação” da CQNUMC:

“(a) Assegurar que o aumento da temperatura média global fique abaixo de 2°C acima dos níveis pré-industriais e prosseguir os esforços para limitar o aumento da temperatura a até 1,5°C acima dos níveis pré-industriais, reconhecendo que isto vai reduzir significativamente os riscos e impactos das alterações climáticas;

(b) Aumentar a capacidade de adaptação aos impactos adversos das alterações climáticas e promover a resiliência do clima e o baixo desenvolvimento de emissões de gases do efeito estufa, de maneira que não ameace a produção de alimentos;

(c) Criar fluxos financeiros consistentes na direção de promover baixas emissões de gases de efeito estufa e o desenvolvimento resistente ao clima.”

Fica claro, pois, que o governo brasileiro desafia e descumpra acordos internacionais que ele próprio assinou, em outros tempos, sem medir as consequências disso. Em vez de atrair investidores estrangeiros, capazes de reforçar o desenvolvimento equilibrado da Amazônia brasileira, o efeito dessa posição é de incentivar o saqueador, que não quer saber de acordos entre países nem de preservação ambiental. E tampouco cumpre as recomendações de ficar em casa, de resguardo diante do Coronavírus.

É esse o público que o governo federal quer atender prioritariamente, pois, segundo a opinião oficial, ambientalistas são de esquerda, comunistas ou coisa semelhante – e devem ser eliminados. Com isso, porém, afasta o investidor que precisa de boa reputação nos fóruns internacionais, que não pode ser acusado de destruidor da Amazônia, nem quer fazer parte de processo dessa natureza. Entre esses, estão países como a China, mas há também muitas empresas e ONGs, por exemplo.

A China mantém com o Brasil, há já seis anos, um acordo específico sobre a Amazônia, que vai desde o desenvolvimento do sistema de transportes terrestres até o lançamento de satélites espaciais de monitoramento. Recentemente, os chineses fizeram cortes nos investimentos na região, mas seguem implementando o previsto nos acordos, inclusive na área astronômica, com o lançamento de um novo satélite, já no atual governo.





Foto: divulgação

## TERRAS INDÍGENAS

A postura do atual governo brasileiro diante da questão da Amazônia é parecida com o período colonial vivido pelo Brasil, só que em lugar de Portugal temos os Estados Unidos, atualmente sob governo de Donald Trump, um empresário de direita radical. Exportar matérias primas e recursos naturais, sem nenhum valor agregado nem tecnologia própria, e importar bens industrializados – essa é a prática adotada. Um recuo no tempo.

O mesmo ocorre em relação às terras dos primeiros moradores desse território que agora é o Brasil, os indígenas. Depois de séculos de conflitos, confisco e mortandade, hoje a legislação brasileira é clara sobre o assunto. Mas o governo federal tem adotado medidas que facilitam a entrada de exploradores nesses territórios, forçando essas populações a se urbanizarem, ainda que isso signifique sua extinção.

Pra todos os efeitos, pela legislação em vigor, essas áreas são aquelas tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, habitadas em caráter permanente, utilizadas para as suas atividades produtivas, e

imprescindíveis à preservação dos recursos naturais necessários para o seu bem-estar e sua reprodução física e cultural, de acordo com seus usos, costumes e tradições. As terras indígenas são bens da União inalienáveis e indisponíveis, e os direitos dos índios sobre elas não caducam”.

Historicamente, os povos que primeiro viviam no Brasil sofreram com a ação dos conquistadores europeus, que levaram muitos à extinção ou ao declínio acentuado. Outros foram expulsos de suas terras, e até hoje seus descendentes não as recuperaram. Nas últimas décadas, houve um crescimento da população indígena no País. Os direitos dos índios à preservação de suas culturas originais, à posse territorial e ao desfrute exclusivo de seus recursos são garantidos constitucionalmente.

A contagem populacional no Brasil, no quesito étnico, depende da autodeclaração das pessoas. O censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acusou uma população de 817.963 pessoas que se identificaram como índios, com 315.180 vivendo em zonas urbanas e 502.783 em zonas rurais. Dos 5.570 municípios brasileiros, apenas 1.085 não têm nenhuma população autodeclarada indígena.

(Sigef) e que passam em trechos de áreas indígenas não homologadas. Juntas, essas fazendas ocupam mais de 250 mil hectares de áreas indígenas.

Proprietários de terras são obrigados por lei a cadastrar suas propriedades no sistema (Sigef) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Sem essa certificação, não seria possível registrar a terra em cartórios, tomar financiamentos legais ou licenciar obras, como hidrelétricas, e outras atividades, como pedidos de mineração.

Com a nova instrução normativa publicada pela Funai, também perdem proteção as áreas formalmente reivindicadas por grupos indígenas classificadas como de restrição de uso, de referência de índios isolados e as cedidas pra usufruto indígena.

O levantamento mostra, ainda, outra situação preocupante: há mais de 2 mil propriedades privadas autodeclaradas no Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural (CAR/Sicar) que incidem em áreas indígenas em sete estados da Amazônia – 500 delas sob territórios onde vivem indígenas isolados. Sem contar a sobreposição entre as terras vizinhas.

## DEMARCAÇÃO

A posse da sua terra é a maior reivindicação dos indígenas brasileiros, o que não significa propriedade, mas sim direito de uso. O objetivo da demarcação é garantir materialmente o direito indígena à terra, estabelecendo a extensão da área de usufruto dos índios e assegurando a proteção dos limites, impedindo sua ocupação por não índios.

A demarcação obedece a um processo sistemático, segundo o artigo 19 do Estatuto do Índio, a cargo do Poder Executivo. Atualmente, o procedimento é o estabelecido no Decreto 1.775, de janeiro de 1996, e começa por uma fase denominada “Estudos de identificação”, que é uma pesquisa antropológica a fim de reconhecer a terra indígena por um prazo determinado.

A seguir, um grupo técnico especializado, coordenado por um antropólogo e composto preferencialmente por técnicos da Funai, realiza estudos complementares, mais detalhados. Esse grupo realiza análises sociológicas, jurídicas, cartográficas, ambientais, e um levantamento fundiário para definir os limites da terra indígena. Por fim, é feito um relatório a ser entregue à Funai.

Na etapa seguinte, de “Aprovação da Funai”, uma vez aprovado pelo presidente do órgão, um resumo do relatório é publicado no Diário Oficial da União e no Diário Oficial da unidade da federação onde se localizam as terras, em um prazo de 15 dias. O resumo também deve ser afixado na prefeitura local.

Vem, então, a terceira fase, denominada “Contestações”, em que todos os interessados podem contestar o reconhecimento da terra indígena, desde o início do processo até 90 dias da publicação do resumo no Diário Oficial. As contestações podem querer apontar vícios no relatório ou exigir indenizações. Após encerrado o prazo, a Funai tem

Na prática cotidiana, porém, a efetivação desses direitos tem se revelado muito difícil e altamente controversa. É cercada de violência, corrupção, assassinatos, grilagem e outros crimes, que têm originado inúmeros protestos tanto domésticos quanto internacionais, bem como intermináveis disputas nas cortes de justiça e no Congresso Nacional.

Sob a gestão do atual, o governo federal tem sistematicamente certificado fazendas em terras indígenas em toda a Amazônia. Desde o início da gestão, em 2019, foram 42 fazendas certificadas de maneira irregular, contrariando as proteções a essas terras previstas desde 2012 pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

Depois, quando a Funai publicou sua normativa autorizando a certificação de terras privadas em áreas indígenas não homologadas, o número explodiu: foram 72 novas certificações em menos de um mês – uma média de mais de duas por dia.

As conclusões são de um levantamento da Agência Pública, especializada em Amazônia, que demonstra que no atual governo já são 114 as fazendas com a certificação aprovada no sistema de gestão de terras

# O UIRAPURU

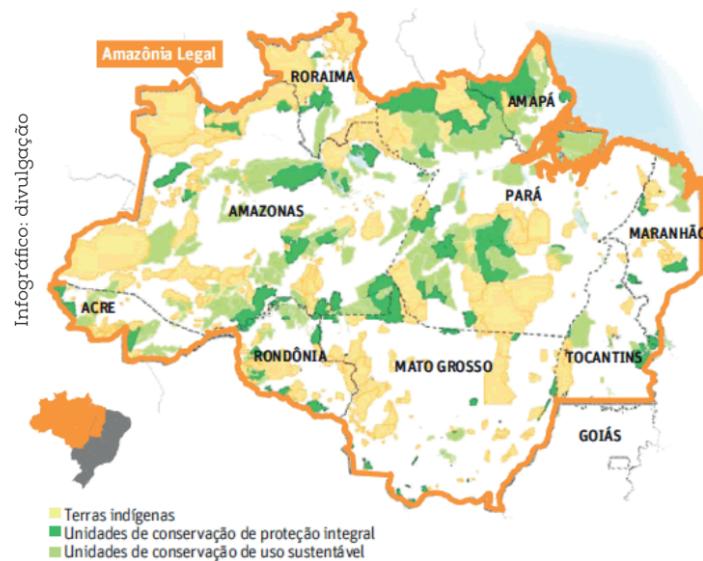
Thiago de Mello



Foto: divulgação/ Mayke Toscano

## MAPEAMENTO DA AMAZÔNIA

Onde a floresta amazônica tem proteção legal



Infográfico: divulgação

60 dias pra elaborar os pareceres sobre eventuais contestações e encaminhá-las ao Ministério da Justiça.

Na fase de "Delimitação", o ministro da Justiça terá 30 dias pra encaminhar uma resolução. Ele pode declarar os limites da área e determinar a sua demarcação física; prescrever diligências a serem cumpridas em mais 90 dias; ou negar a identificação, publicando a decisão.

Em caso de declaração dos limites da área, cabe à Funai a demarcação física. Ao Incra, cabe reassentar população não índia que ocupe o local. Feito isso, vem a fase da "Homologação", que é feita pelo presidente da República, com registro imediato no cartório da comarca onde se localizam as terras e no Serviço de Patrimônio da União. Vale lembrar que o atual presidente não homologou nenhuma terra indígena. Ao contrário, tem agido no sentido da abertura das áreas já reconhecidas.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor

Não, não é o maior pássaro do mundo. Nem o mais lindo. Nem sonha em ser condor, soberano dos Andes. Nem chega perto da formosura do quetzal mexicano. Só não digo que o nosso maravilhoso uirapuru é um tantinho feioso, porque para mim todo pássaro é bonito.

As corujas sabem que estou falando a verdade. Até mesmo o urubu, que no chão é puro desengonço, se desforra quando vai para o céu: a beleza do seu voo é tecida de inteligência e elegância.

O uirapuru é pequenino, verde escurecido em castanho, fronte avermelhada. Parece um pardal. O que o distingue de todos os pássaros da floresta é que ele tem o canto encantado. Ele encanta com o seu canto. Enfeitiça com a doçura de sua voz, o prodígio do seu canto.

Custa muito a aparecer. Aliás, não aparece. Ninguém dá com ele. A gente mal a mal percebe de que direção vem vindo o seu canto.

Toda a floresta silencia quando ele começa a cantar, com um longo trinado agudo de uma só nota musical. Os outros passarinhos logo ficam silenciosos e seduzidos voam, alguns atravessam o lago (que é onde o uirapuru gosta de viver, pertinho do lago sereno) só para ouvir de mais pertinho o pássaro encantador.

Dizem que as antas, os veados, as capivaras e mesmo as onças grandonas, toda a floresta para, tocada pela magia do canto. Contam que até o vento se abranda, as águas deslizam devagar.

Só ouvi o uirapuru uma vez. Foi no Lago do Marcelo, dentro do Cachimbá, no Paraná-Mirim-da-Eva. Lago dos imensos. Ia de canoa, com o Jari Botelho e o Antônio do Josias, atrás de umas bromélias, quando de repente foi aquele trinado subindo na selva.

É o uirapuru, exaltou Antônio.

O silêncio sonoro da floresta perdeu a voz. Vi os passarinhos voando ligeiros na direção de um coqueiro de macaco. O passarinho cantou bem uns quinze minutos.

Ainda espero ouvi-lo de novo. O povo da floresta, que sabe o que diz, acha que o uirapuru é o pássaro da felicidade. Basta ouvi-lo uma vez, a aventura da vida está garantida. O canto dele vale por lâmpadas em qualquer réstia de escuridão.

Não ando precisando de uirapuru: sou um homem insuportavelmente feliz. Mas gostaria de sentir de novo todo o meu ser comovido, perturbadamente encantado pelo dom mágico do nosso passarinho.

Convém saber que, no idioma tupi-guarani, *uir* quer dizer ave e *puru* serve para significar um poder mágico. Os índios chamam as coisas pelo que elas são.



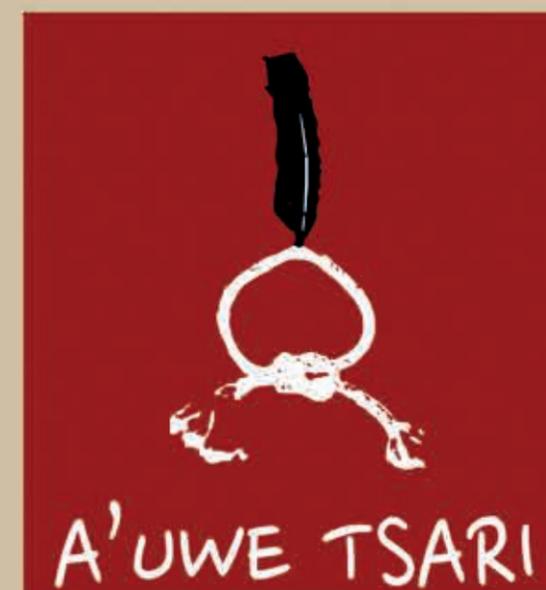
Foto: divulgação



**Thiago de Mello** – Poeta maior da Amazônia e do Brasil, em *Amazonas – Águas, Pássaros, Seres e Milagres*. Editora Salamandra, 1998.



Foto: Eduardo Pereira



## **s.o.s. xavante**

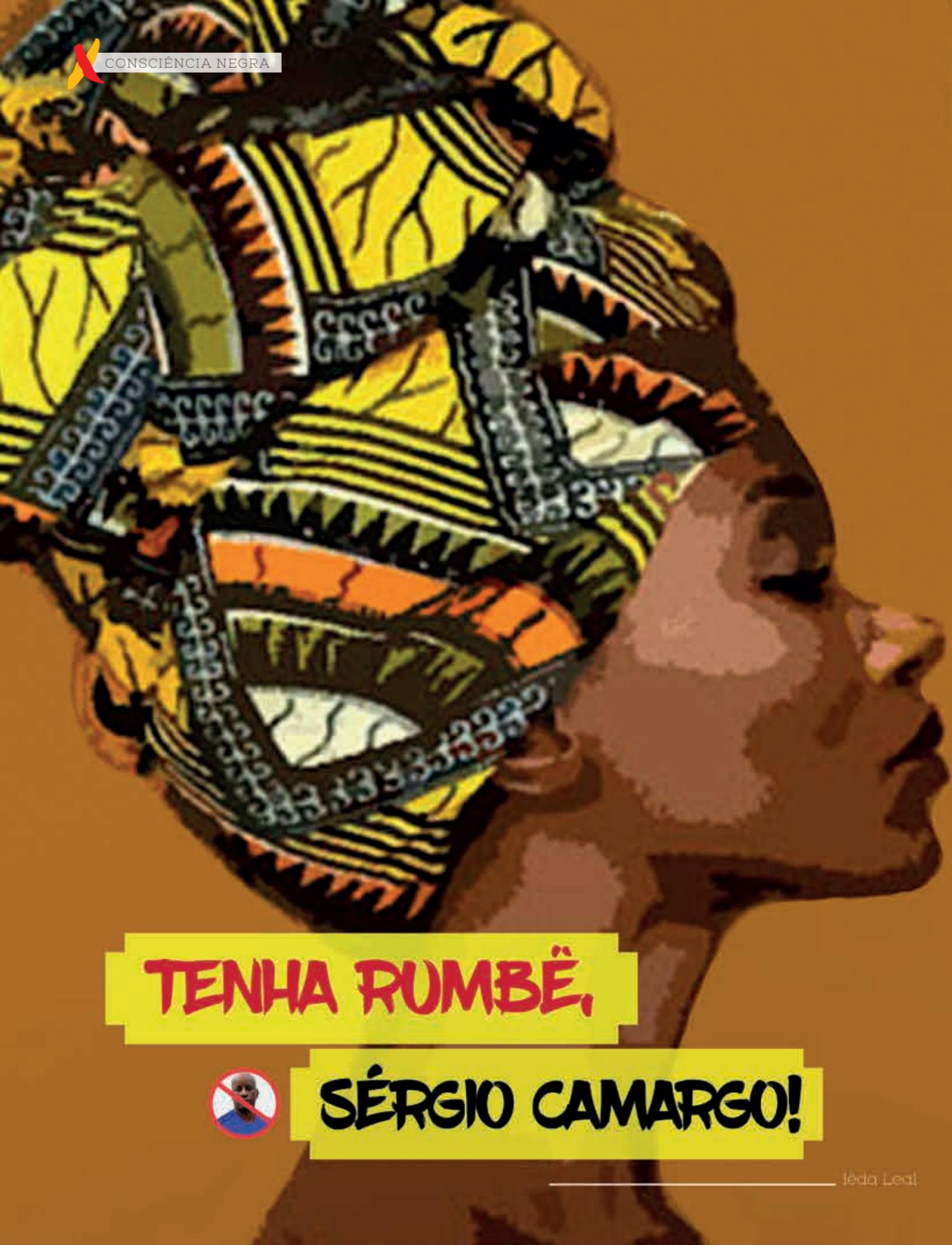
**ONDE TEM BANCÁRIO/A, TEM CIDADANIA.  
ONDE TEM CIDADANIA, TEM SOLIDARIEDADE!**

A Campanha A'uwe Tsari-S.O.S Xavante representa uma ação cidadã e solidária coordenada Fetec-CUT/Centro Norte, em parceria com a Federação dos Povos Indígenas do Mato Grosso (Fepoint), o Condisi (Conselhos Distritais de Saúde Indígena) ligado ao Distrito Especial Sanitário Xavante, em resposta à situação emergencial causada pela covid-19 entre o povo Xavante.

O nome A'uwe Tsari, que se traduz por "ajude o povo Xavante", ou simplesmente S.O.S XAVANTE, sugerido pelas próprias lideranças indígenas, junta as palavras a'uwe (gente, povo) e tsari, que para os Xavante significa o vínculo com suas raízes, a busca por uma vida feliz e saudável, a cura pela natureza, a própria cosmogonia herdada de seus ancestrais nos jardins das plantas tortas, no bioma Cerrado, na região Centro Oeste do Brasil.

O principal objetivo da campanha é mobilizar a categoria bancária, a sociedade brasileira e a comunidade internacional para prestar ajuda emergencial ao povo Xavante, durante a pandemia. Com cerca de 22 mil indígenas em situação de vulnerabilidade nas aldeias, localizadas no Mato Grosso, na região da Amazônia Legal e do Cerrado brasileiro, os Xavante encontram-se com vários casos já diagnosticados e mortes documentadas.

O Sindicato dos Bancários e das Bancárias de Brasília é parte deste esforço. Viva o Povo Xavante! Viva a solidariedade!



TENHA RUMBÊ,



SÉRGIO CAMARGO!

Iêda Leal

**“Por menos que conte a história  
Não te esqueço meu povo.  
Se Palmares não vive mais  
Faremos Palmares de novo.”**

**José Carlos Lima**

É vergonhoso quando um filho desonra aos seus ancestrais, a seu pai e a sua mãe.

Desde que assumiu a presidência da Fundação Cultural Palmares (FCP), Sérgio Camargo vomita falas absurdas contra a luta da população negra e do maior líder por liberdade do Brasil. Zumbi dos Palmares.

Nega a existência de racismo no Brasil e afirma que a escravidão, um crime de Lesa-Humanidade, foi benéfica.

Deturpa, por convicção vil, a finalidade de FCB, que é promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira.

Comemorou o 13 de maio, Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, utilizando-se da página oficial do órgão para publicar textos atacando a memória de Zumbi, da população negra.

Demonstra não apenas o desconhecimento total da historicidade do povo negro no Brasil, mas, também, desprezo e zombaria por séculos de luta e resistência.

Sua postura de ódio e racismo contra o movimento negro é criminosa, configura desvio de finalidade, abuso de poder e improbidade administrativa. Os áudios de uma reunião, a portas fechadas em seu gabinete, foram revelados no dia 2 de junho, evidenciando o crime de responsabilidade.

Xingou Zumbi e mentiu ao imputar-lhe o crime de ter escravizado outros pretos. Manifestou sua escravidão ao criticar o Dia Nacional da Consciência Negra e a sua intolerância às religiões de matrizes africanas, inclusive cometendo crime de injúria contra uma mãe de santo e contra os militantes do Movimento Negro.

Diante de tais declarações, fica evidente a incompatibilidade desta nomeação e sua permanência na função pública de presidente de uma autarquia para defender a dignidade de quem ele ataca, rasga a Constituição, em especial no tocante ao Artigo 37, que estabelece os princípios da legalidade, imparcialidade, moralidade e eficiência.

URGE que o MPP, dentro de suas prerrogativas, possa instaurar procedimento administrativo para apurar a prática de Improbidade Administrativa e demais crimes tipificados nos Artigos 140 e 208 do Código Penal.

URGE que o STJ acate o recurso do DPU e anule essa nomeação, que tem como objetivo sabotar, tornar a FCP inoperante e incapaz de executar os seus objetivos legalmente atribuídos, bem como o cumprimento dos deveres de enfrentamento do racismo institucional e estrutural e de promoção da igualdade racial.

URGE resgatar a Fundação Cultural Palmares como a grande referência nacional e internacional na for-

mulação e execução de políticas públicas de defesa e valorização da cultura negra, atuando na promoção e inclusão social da população afro-brasileira. Daí sua importância no enfrentamento ao racismo e na luta pela igualdade racial.

Fora, Sérgio Camargo! Sua ignomínia não lhe permite presidir a Fundação Cultural Palmares, instituição criada para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra, resultado da luta do Movimento Negro Unificado, na resistência contra o racismo institucionalizado e estruturado em nossa sociedade, na luta por reparação para o povo negro.

#ForaSergioCamargo

#ForaBolsonaro

#ImpeachmentJa



MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO



**Iêda Leal** - Coordenadora Nacional do MNU, Tesoureira do SINTEGO. Manifesto lançado pelo MNU em 21 de março de 2020.



Foto: divulgação

# A VINGANÇA DO ESTADO CONTRA O MERCADO

Emir Sader

A ascensão do neoliberalismo foi feita à custa de desqualificar o Estado. Que seria ineficiente, burocrático, arrecadador excessivo de impostos, que gastaria mal, que seria fonte da corrupção na sociedade. O Estado teria que deixar de ser solução, para ser problema, nas palavras de Ronald Reagan. Daí a proposta do Estado mínimo, que representa, por oposição, a centralidade do mercado.

A forma de impor a hegemonia do mercado sobre o Estado foi propor a alternativa estatal versus privado, que comandaria as alternativas no mundo contemporâneo. O estatal é desqualificado na forma mencionada acima. O polo oposto seria dado pela "sociedade civil", pela suposta esfera privada, composta pelos indivíduos.

Daí o desmonte do Estado, com a privatização de empresas públicas, com a diminuição do quadro de servidores públicos e das políticas sociais. A centralidade do mercado significa a promoção dos objetivos centrais do neoliberalismo: remodelar a sociedade, com a sua mercantilização, segundo as normas que orientam os *shopping centers*: onde tudo é mercadoria, onde tudo se vende e se compra, onde tudo tem preço.

A esfera democrática é a esfera pública, em que se atende o interesse de todos, em que o sujeito é o cidadão, entendido como sujeito de direitos.

No momento atual, essa polarização aparece sob a forma de saúde – economia. A defesa da saúde é a defesa do direito de todos, feito pela esfera pública. O privilégio da defesa da saúde de todos é a via democrática de enfrentar a crise que vivemos.

A pandemia nos vitima mais, porque nos pegou com o Estado brasileiro enfraquecido por anos de restabelecimento do modelo neoliberal, que debilitou o SUS e toda a esfera pública. Além de estarmos com um governo sem capacidade de comando, para tomar medidas drásticas no enfrentamento da pandemia. Em outros países, governos de direita assumiram posturas distintas, recuperando força para comandar o país na resistência contra os efeitos da pandemia.

No Brasil, ao contrário, a atuação de Bolsonaro só aumentou os graves efeitos da pandemia, levando rapidamente o país a novo epicentro da pandemia em escala mundial. No entanto, o governo teve que ceder, com muita resistência, à liberação de recursos para atender aos milhões de brasileiros desvalidos.

Muito insuficientes, que não chegam a milhões deles, mas teve que romper com os ajustes fiscais do Paulo Guedes, confessando que não é o mercado, mas o Estado, quem pode atender os brasileiros, nos momentos de maior necessidade.

O SUS, golpeado e enfraquecido nos últimos anos, reconquistou prestígio, mostrando que é a esfera pública quem pode atender a todos, sem distinção e discriminação, e não os planos privados de saúde. Foi a ciência quem recuperou prestígio, na hora de maior necessidade de salvar vidas e não a religião.

São as universidades públicas e os centros públicos de pesquisas, que protagonizam os grandes debates e as grandes pesquisas e fabricação de materiais que favorecem a árdua luta do pessoal de saúde pública. São estes e não os consultórios privados, quem atende, denodadamente, já com centenas de mortos nesse combate, a todos os pacientes.

O Brasil sairá distinto dessa imensa crise. Se formarão médicos com mentalidades distintas, muito mais voltados para a atendimento público em hospitais e centros públicos, e menos médicos para, depois de formar-se nos melhores cursos de medicina, gratuitamente, em universidades públicas, para ganhar dinheiro atendendo clientela rica nos bairros chiques da cidade.

O papel do Estado, a começar pelo SUS, será muito mais valorizado. Assim como o das universidades públicas e de todo o pessoal de saúde pública, verdadeiros novos heróis na luta pela defesa da vida dos brasileiros.

É o Estado, nas suas distintas instâncias, quem assume essas responsabilidades, evidenciando como um Estado democrático pode atender a todos, enquanto o mercado só atende a quem tem poder aquisitivo. O Estado pode ser o grande instrumento de luta contra a desigualdade e a exclusão social, se for um Estado democrático, guiado por um governo democrático e popular.



**Emir Sader**  
Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

# Rubens Gomes:

## O LUTHIER DA ESPERANÇA

— Zezé Weiss

Rubão me contou um dia como um filho de seringueiro, que colheu castanha no Pará e depois virou operário de mineradora de manganês na Serra do Navio, escapou do seu provável destino histórico e foi mudar o mundo no Acre de Chico Mendes, nos anos 1980.

Rubens Gomes, o luthier da esperança, aportou em Rio Branco como professor de música, ali tornou-se liderança do movimento cultural e, a convite do militante Abrahim Farhat, o Lhé (encantado em 16 de maio, poucos dias antes do amigo), ajudou a organizar o apoio da classe artística acreana para o movimento dos seringueiros que Chico Mendes organizava a partir de Xapuri.

“Assim começou a minha relação com o Chico Mendes. Eu trabalhei e, quase sempre como voluntário, fazendo a animação cultural dos encontros dos seringueiros. Eu fazia também a parte dos registros e da sonorização, que era a minha área. Foi aí que eu aprendi que dentro da floresta tinha muita gente. Foi aí que comecei meu compromisso com as lutas dos povos da floresta, com as pessoas da floresta.”

Depois da morte do Chico, Rubão passou a usar parte do seu tempo para cuidar de sua paixão da vida inteira: as crianças. Fundou, em Rio Branco, uma pequena Oficina Escola de Lutheria, na casa de passagem das crianças e adolescentes em conflito com a lei. A preocupação era, segundo Rubão, que a oficina servisse mais de terapia ocupacional do que de curso profissionalizante.

Com o tempo, esse pequeno esforço local abriu portas fundamentais no campo da música para milhares de adolescentes e jovens no Acre, onde a Oficina Escola de Lutheria começou e, mais tarde em Manaus, onde a Oela cresceu e brotou mudas de esperança naquele outro mundo que o Rubão morreu acreditando ser possível: um mundo mais justo, menos desigual, um mundo sustentável.

Pra Manaus, Rubão se mudou porque encontrou um emprego de professor de música na Universidade do Amazonas. O ano, ele não me disse, nem eu à época perguntei, mas o objetivo era criar o primeiro curso de lutheria em uma universidade pública do Amazonas. Pressões muitas fizeram a reitoria recuar. Mas, pra ele, era um caminho sem volta.

Talvez por conta do retrocesso da burocracia acadêmica, a Amazônia ganhou um de seus mais imprescindíveis militantes das crianças e dos povos da floresta. Rubão mudou-se para a periferia de Manaus, aproximou-se das “galeras” de rua e, em março de 1998, inaugurou ali sua premiada Oficina Escola de Lutheria da Amazônia.

O resto é história conhecida. Por meio do investimento na Oela como espaço de convivência e de profissionalização, Rubão mudou a vida de milhares de crianças e jovens das periferias de Manaus. Por meio de seu engajamento radical na defesa da Amazônia e dos povos que nela e dela vivem, Rubão tornou-se dirigente nacional do movimento socioambiental.

Em 2018, o pulmão do guerreiro pediu reparo. Foi feito um transplante em Porto Alegre. Vieram tempos difíceis, com Jéssica, a companheira, sempre ao seu lado. Mesmo assim, a cada respiro da recuperação, lá estava o Rubão nas redes, falando da Oela, do projeto socioambiental do Bailique, no Amapá. Em fevereiro, Rubão voltou pra Manaus. Por lá andava, de quarentena, cumprindo rigorosamente as regras do isolamento social.

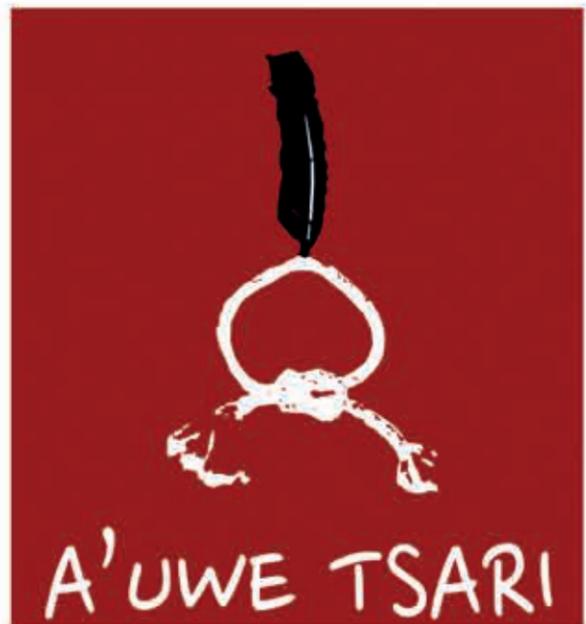
No domingo, 24 de maio, faltou ar para os pulmões de Rubão. Na Manaus em pandemia, ele precisou ser internado. Deu ruim, o quadro se agravou. Rubão partiu deste mundo na noite do dia 28, aos 60 anos de idade, com diagnóstico de insuficiência respiratória. Foi um choque. Depois de sofrer tanto em Porto Alegre, com o transplante, morrer assim, tão de repente, em sua Manaus tomada por esta trágica pandemia.

De você, meu bom companheiro, aprendi muito. Aprendi, sobretudo, a apostar na esperança. Pra você, meu bom companheiro, depois dessa fase do choro sentido, fica o meu compromisso de seguir sonhando, e de seguir lutando!



**Zezé Weiss**  
Jornalista. Editora da Revista Xapuri.  
@zezeweiss





**A'UWE TSARI**  
**S.O.S. xavante**



# A'UWE TSARI

## S.O.S. xavante

Mais da metade dos 800 mil indígenas brasileiros vive nas regiões Norte e Centro-Oeste. Há estimativas de que a pandemia da Covid-19 pode dizimar 40% de toda essa população. Os cerca de 22 mil Xavante, quase todos habitando o Mato Grosso, estão entre os mais vulneráveis, em razão da falta de acesso à saúde, à sua organização sociocultural, seu perfil epidemiológico e às pressões no entorno de seus territórios.

É urgente agir rápido para impedir mais um genocídio dos povos originários.

Por isso a Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN) está lançando a Campanha A'UWE TSARI - SOS Xavante para salvar essas vidas, em parceria com a Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Matogrosso (Fepoint) e com os Conselhos Distritais de Saúde Indígena Xavante (Condisi-Xavante).

Os bancários têm histórico de campanhas de cidadania e solidariedade. Os 12 sindicatos filiados à Fetec estão envolvidos em mais essa ação humanitária, principalmente os de Mato Grosso, Brasília, Rondonópolis e do Médio Araguaia (Sinbama).

O objetivo é mobilizar não apenas a categoria bancária, mas a sociedade brasileira e a comunidade internacional para prestar ajuda emergencial ao povo Xavante durante a pandemia. Veja em [www.feteccn.com.br](http://www.feteccn.com.br) como fazer as doações.

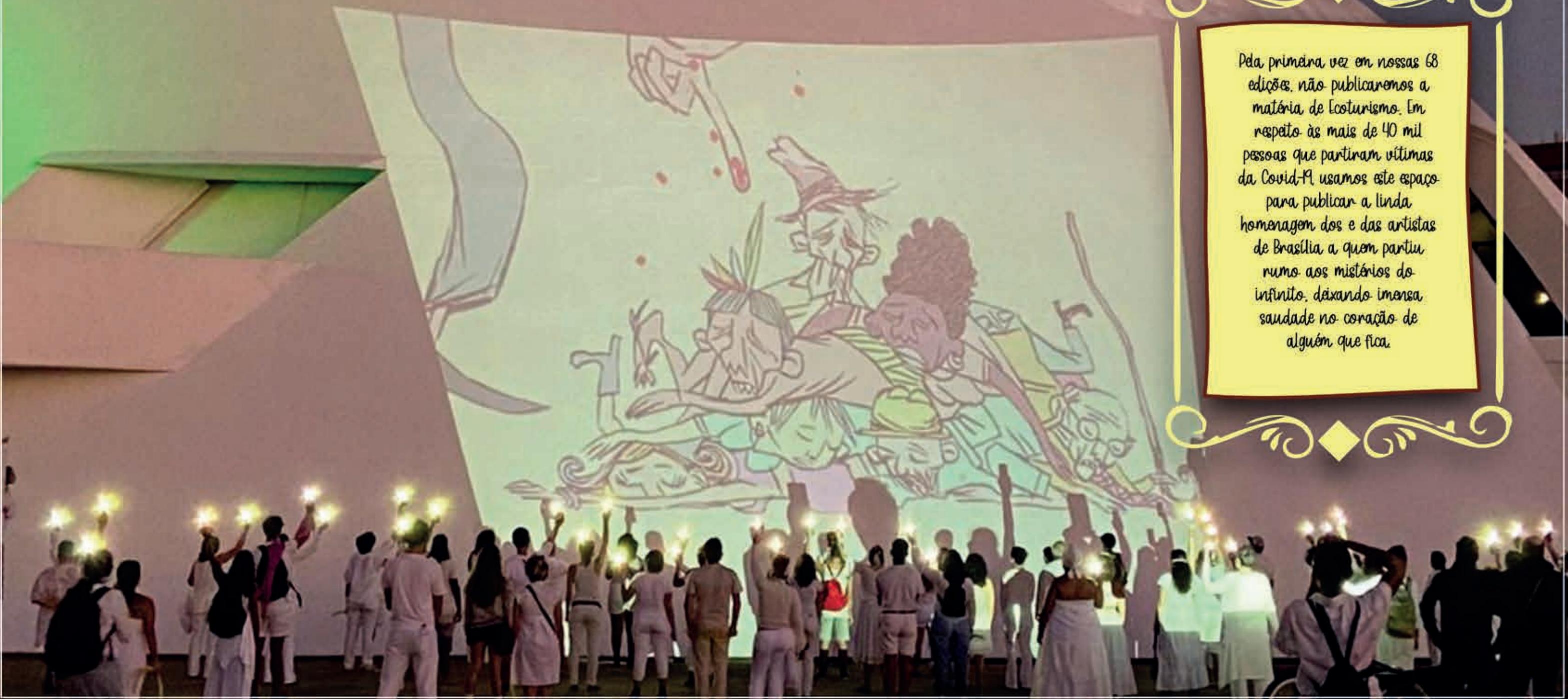
Juntos, podemos salvar vidas.

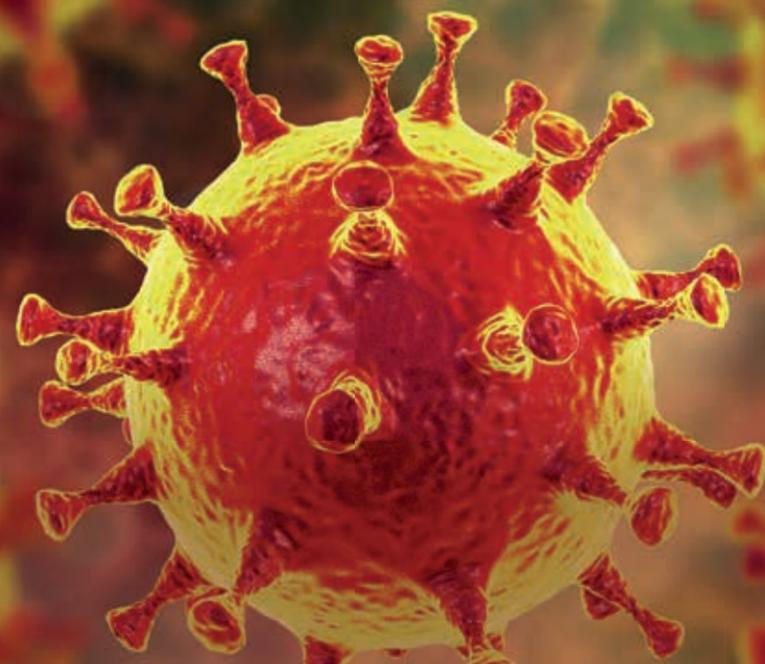
Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN)



# QUEM PARTIU É SAUDADE DE ALGUÉM

Pela primeira vez em nossas 68 edições, não publicaremos a matéria de Ecoturismo. Em respeito às mais de 40 mil pessoas que partiram vítimas da Covid-19 usamos este espaço para publicar a linda homenagem dos e das artistas de Brasília a quem partiu rumo aos mistérios do infinito, deixando imensa saudade no coração de alguém que fica.





# O LAMENTO DA UNIVERSIDADE E A OPORTUNIDADE DA COVID-19

Altair Sales Barbosa

Eu sou a velha universidade brasileira, não no sentido restrito da cronologia. Aliás, com relação à idade, comparativamente sou até jovem. Sou velha nas estruturas, a osteoporose me corroeu paulatinamente de tal sorte, que mal consigo ficar em pé sozinha.

Na realidade, ninguém sabe ao certo a minha idade, uns dizem que nasci na Idade Média, outros que foi na Renascença, mas poucos se lembram de que já no século XI um árabe, Ibn Batuta, criou a Universidade do Níger em Timbuctu, para conhecer o mundo, os povos do mundo e a história do mundo.

Seja lá de onde eu venho, fui transplantada para o Brasil, sem levar em consideração as vocações desta terra. Hoje percebo que minha adaptação não foi boa e de longe deixei de cumprir minhas finalidades.

... No meu seio, existem os pseudoeducadores que enfraquecem a boa visão dos autênticos educadores. Existem também os arrogantes e falsos cientistas, que, por inveja e tantas críticas, inibem a criação de alguns poucos estudiosos e pensadores.

A grande maioria dos professores se encontra em posições cômodas; para essas pessoas, não é necessário mudar a rotina do dia a dia, que de tantos dias, vira rotina de décadas. Essa situação cria um comodismo tão grande e uma miopia extraordinária, que nem sequer permitem enxergar, e muito menos

imaginar, que outro modelo de Universidade mais dinâmica e interdisciplinar é possível.

Agora vejam, eu que sou o Universo da Diversidade, que nasci para criar e inovar, constato hoje que, com raríssimas exceções, as últimas inovações e criações científicas e culturais não surgiram dentro de mim. Querem ver só alguns exemplos? O último tipo de adubo não surgiu na minha Escola de Agronomia, o último medicamento não surgiu na minha Escola de Farmácia, a última palavra em tecnologia não surgiu... etc. etc.

Isso ocorre porque me transformaram num grande Supermercado para vender ou distribuir "enlatados"; esta tem sido a minha maior função nos tempos de hoje.

As amarras em que me encontro nem sequer permitem que os meus agentes de boa vontade possam aprender a processar esses "enlatados", ou seja, misturando ou relacionando uns com os outros, para produzir ao menos um "enlatado" novo.

O tipo de ensino que percorre as minhas veias é tão ultrapassado, que sinto pena dos meus professores e dos meus alunos, ambos bombardeados pelas incontáveis informações controversas e às vezes maldosas da multimídia.

O professor, coitado, sem novidade para ensinar, propicia que as salas de aulas se transformem em espaços vazios. Os alunos, mal começa o semestre, já ficam torcendo para este terminar.

É a concretização total do desequilíbrio. Quando penso nisso, choro baixinho para esconder minha vergonha.

As amarras não permitem a estimulação da pesquisa, que é o alicerce da criação. O pesquisador, aquele raro profissional que insiste em produzir sua própria comida, mesmo que seja num pequeno fogareiro, é sempre visto ou mal visto como algo estranho. Seus discursos e lamentos raramente encontram ressonância e, de tanto repetirem a mesma ladainha, muitos se acomodam. Sinto muita pena deles e classifico essa situação como "A Erosão do Potencial Humano".

Muitos dizem que não estimulam ou desenvolvem a pesquisa, durante o espaço da aula, por falta de laboratório. No entanto, se o professor tiver domínio completo do assunto, com um pouco de criatividade e de materiais colhidos nos meus corredores, pode perfeitamente transformar sua sala de aula tradicional num laboratório, ou sair até os pátios e ruas e transformá-los em vários laboratórios. O importante nesta relação é o domínio do conhecimento, temperado com uma dose de criatividade. Mas nem isso o gesso no qual me jogaram permite.

Vejam o exemplo da situação atual, que estamos vivendo pós advento da Covid-19. O que fizeram meus dirigentes? Ao invés de enfrentarem o problema, empunhando a bandeira do conhecimento e da criatividade, eles se acovardaram, ordenaram que os alunos ficassem em suas casas e, acomodados dessa forma, receberiam através dos professores conteúdos via online.

Não pensem que a preocupação é a transmissão do conhecimento, pois não é. A preocupação é não perder o semestre. Os professores, coitados, muitos nem sabem manusear os programas de computador para usá-los adequadamente.

No entanto, se olharmos por outro viés, o advento da Covid-19 transformou nossa realidade num imenso laboratório. Portanto, se os dirigentes e professores fossem libertos de suas amarras e fossem treinados nos parâmetros da criatividade, tenho a certeza de que saberiam aproveitar esse período único para avançarem em seus conhecimentos, na busca por um modelo universitário mais eficaz e que percorresse o caminho da transdisciplinaridade.

Ao invés de ficarem em casa, curtindo a solidão e possivelmente uma futura depressão, os alunos, coordenados pelo conhecimento e pela criatividade, sairiam a campo. E, cada qual, dentro da sua especialidade, partiria em busca do desconhecido.

Só para citar alguns exemplos, dentro do que nos permite o espaço jornalístico. O curso de geografia

delimitaria o espaço a ser pesquisado e através dos cartógrafos mapeariam as áreas com maior ou menor incidência do vírus, ou de infectados.

Outras áreas da própria ciência buscariam as relações entre temperatura, relevo, vegetação, incidência ou não de animais domésticos, e assim por diante. A outras áreas de conhecimento caberia a função de estabelecer outras relações, tais como econômicas, nutritivas, de salubridade e insalubridade. Quantos registros importantes poderiam ser feitos pelos comunicadores!

A biologia, a biomedicina, a bioquímica, a química, todas juntas estariam, por exemplo, coletando e trocando ideias sobre amostras do ar, do solo, das águas e de elementos bióticos em busca de evidências. As áreas da farmacologia poderiam estar testando as eficácias de centenas de plantas da nossa farmacopeia, conhecidas por séculos como possuidoras de componentes antivirais.

Os agrônomos e outros profissionais poderiam testar desinfetantes eficazes nas áreas mais afetadas, descritas pelos geógrafos. Os assistentes sociais, bem como os psicólogos e nutricionistas, estariam orientando os menos favorecidos, nas ações cotidianas, como comportamentos, atitudes e atividades bancárias, procedimentos alimentares etc.

E assim, nessa perspectiva, todos, incluindo mais uma vastidão, que compõem o meu quadro, estaríamos juntos cultivando um ideal e buscando o saber integrado ou a integração de saberes numa perspectiva global.

É claro que fica no ar uma pergunta sobre recursos e equipamentos. A resposta é simples, com competência e criatividade, isso não chega a constituir obstáculos para os que têm boa vontade. Os equipamentos de segurança e outros necessários, vocês têm a capacidade de fabricarem. Da mesma forma os recursos, que não são muitos, vocês sabem buscar.

Uma única ressalva, os habitantes da minha nova casa teriam que ser amantes do trabalho, apaixonados pelo que fazem, leais, éticos, dedicados e idealistas. Como Universidade que quer mudar, deixo em aberto o meu convite para os que querem construir esta nova casa.

O dia já está raiando, chegou a hora de trabalhar. Peço licença para descansar um pouquinho, enquanto se inicia a construção, porque para mim foi longa e penosa esta noite.

Ah! Antes que me adormeça, gostaria ainda de dizer que, nessa nova casa, não é proibido sonhar. Só se proíbe o pessimismo.



**Altair Sales Barbosa** - Pesquisador do CNPq. Pesquisador da Unievangélica de Anápolis. Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri

# ESPERAR ÀS VEZES É DIFÍCIL, É UM DESAFIO.

Mas nós formosenses sabemos que, agora esperar significa esperança.

Por isso, a prefeitura segue trabalhando, dando início as obras da **ciclovía do Jardim Califórnia**, **Urbanização das Avenidas**, **Construção da sede do Creas**, finalizando as obras da **Praça e Parque da Mata da Bica** e as obras do **ginásio Tio Luis**, além de seguir com a manutenção de **áreas públicas por todo município**.



## PARA QUE LOGO, A GENTE POSSA VIVER NOSSA CIDADE INTENSAMENTE E O MELHOR, JUNTOS.



FORMOSA.GO.GOV.BR



PREFDEFORMOSA



PREFEITURA DE FORMOSA

**FSA FORMOSA**  
PREFEITURA

## GLORINHA costurando e tecendo o fio da vida



Iêda Vilas-Bôas

Em 19 de agosto de 1935, nascia na Fazenda Cuscuzeiro, Município de Arinos-MG, Maria da Glória Dias Carneiro, ou Glorinha, apelido recebido desde a tenra infância. Minha madrinha Glorinha cresceu cercada por três irmãos e uma irmã que, juntos, participavam da lida e trabalho da roça. Moça humilde e recatada, muito cedo aprendeu o ofício da costura herdado da mãe. De Vó Isaura herdou também o hábito e gosto pela leitura, que mantém ativo até hoje.

Naquele rincão de Minas Gerais, as famílias tinham o costume de visitar a Serra das Araras, onde todo ano acontecia a festa de Santo Antônio, no mês de junho. Levavam três dias a cavalo para chegar ao local, onde tinha uma bela serra talhada de vermelho. Numa dessas festas conheceu Ulisses Durães Coutinho. Glorinha tinha 19 anos, e ele, uma descendência cigana. Casaram e tiveram sete filhos. Ela se tornou uma diligente dona de casa.

Costurando, inventando e fazendo moda, criou seus sete filhos: Terezinha, Rivalino, Humberto, Marisa, Zelma, Maria da Conceição (Tita), em homenagem à padroeira de Formosa. Tinha a Antônia, de quem minha madrinha fala e chora com saudade. Toinha era deficiente visual e acometeu-se de leucemia, falecendo aos três anos. Na casa dela ainda é possível ver, guardado com carinho, um pé de seu sapatinho já enrolado e carcomido e uma sombrinha xadrez, escurecida pelo tempo.

A família veio para Formosa em 1968. Inicialmente, moraram de aluguel na casa de Dona Antonia, sogra de Dona Inhazinha, perto do Cemitério. Alguns anos depois, adquiriram uma casa na Rua Olímpio Jacinto, onde ela reside até hoje. Conseguiu que, principalmente suas filhas, se dedicassem aos estudos. Frequentaram o Colégio São José, o Grupo Americano do Brasil, o Colégio do Planalto, este com educação primorosa dos freis holandeses, e também o Coleginho.

Glorinha atestava o ditado: "Quem lê, ouve, fala e vê... bem!" e, assim, sempre ajudou nos trabalhos escolares dos seus filhos. História e geografia eram com



ela mesma. Foram muitas e muitas noites debruçada sobre a máquina de costura para conseguir ajudar a sustentar os filhos, que hoje são seus maiores orgulhos.

Mãe amorosa e dedicada, ela deu exemplo aos filhos, afilhada, afilhados, parentes e amigos sobre a importância do estudo, do trabalho e da honestidade, do carinho e da humildade, da boa receptividade e do compromisso fraterno e solidário. A mim, me ensinou a bordar, que no coração dela há sempre espaço para mais uma, mesmo numa família humilde e numerosa.

Ela é uma pessoa muito caridosa, fez trabalho voluntário com as freiras holandesas, irmãs Jane e Adriana, ensinando às jovens mães carentes a fazer os enxovais no período de gestação. Católica, é devota de Nossa Senhora Aparecida, do Bom Jesus da Lapa e de Santo Antônio, a quem tem uma devoção especial.

Hoje, a vista embaçou, veio o peso dos anos, as doenças comuns à terceira idade, mas continua cercada dos carinhos e cuidados dos seus e de todos que a conhecem. Ama ter visitas, principalmente dos dezessete netos e dos quatro bisnetos (a quinta está a caminho).



**Iêda Vilas-Bôas** - Escritora.

Nota da Autora: Este perfil foi construído com a ajuda de Marisa Dias Durães e Zelma Durães, filhas de Glorinha, a quem estendo meu agradecimento.



# A CRIAÇÃO DO MUNDO

Lenda Saterê-Mawé

“O primeiro mundo, Deus levou para o céu. Os que ficaram, os ‘encantados’ – sucuris, jiboias, resolveram fazer um mundo para eles.

Então, fizeram o mundo do corpo da própria irmã – Unhã-mangaru.

Se ela ficasse com a face voltada para o céu, eles nunca morreriam. Como ficou com a face para a terra, ela nos está chamando sempre para a sua companhia.

Ela disse aos irmãos:

– Vocês me fizeram terra, está bem. Eu vos chamarei, pois, sempre para mim.”



**Thiago de Mello** – Poeta maior da Amazônia e do Brasil, em *Amazonas – Águas, Pássaros, Seres e Milagres*. Editora Salamandra, 1998.

## UM OLHAR NAIF NOS TEMPOS DA COVID-19

Zezé Weiss

### Artistas Naif lançam exposição virtual sobre pandemia

E eis que nestes tempos difíceis quando, por decisão de um vírus maldito e por incompetência de um governo inapto, o mundo Brasil vira de ponta-cabeça, com nossa economia em desarranjo, nossa sociedade em crise, nossas famílias apartadas pela saudade e mortes cada vez mais perto de nós, chega o amigo Odécio com as boas-novas da resistência naif em tempos de pandemia.

Afetadas em cheio, convivendo com a crise econômica e com o medo diário do inimigo poderoso e invisível, as artes em geral, e a arte naif em particular, ressurgem fortes e belas, como uma esplendorosa Fênix, vermelha e bela que, como retratada na mitologia grega, ressurgiu das cinzas. É daí, dessa força estranha que surge o projeto “Um Olhar Naif nos Tempos da Covid-19”.

Lançado internacionalmente por um grupo de artistas, instituições, galeristas, profissionais da comunicação e pessoas voluntárias, o projeto se constitui em um movimento para valorizar a arte naif, e a proposta é criar um retrato deste momento, e ao mesmo tempo colaborar na abertura de espaços para ampliar as condições socioeconômicas desses artistas, segundo *release* do próprio movimento.

O que vem pela frente é, em tempos de pandemia, uma mostra virtual internacional, a ser depois transformada em mostras físicas, sustentadas por parcerias da arte naif, como institutos, museus, festivais, mostras e salões. Organizada por Odécio

Visintin Rossafa Garcia (55 61996611935) e Oscar D’Ambrosio Paco de Assis (55 11 985711766), a mostra pretende retratar uma visão da arte naif frente à devastação causada pela Covid-19.

Aos e às artistas naif, nacionais e estrangeiros, caberá única e exclusivamente retratar este momento de crise sanitária, ambiental, política e social por meio de sua arte, ou seja, produzirem os registros que vão compor a mostra. As obras inscritas serão organizadas e mantidas, por um ano, no formato mostra virtual, nos sites [www.ciaartecultura.com.br](http://www.ciaartecultura.com.br) e [www.blombo.com](http://www.blombo.com), com ampla divulgação e com links em todos os sites parceiros no Brasil e no mundo.

As inscrições poderão ser feitas até o dia 30 de junho, por meio do envio da foto da obra, de boa qualidade, com descrição de título, técnica, dimensões e valor, contendo nome artístico, endereço completo, telefone e CPF do ou da artista. O envio pode ser feito por e-mail para [barthonaif@gmail.com](mailto:barthonaif@gmail.com), ou via *whatsapp*: +55 61 996611935.

Para conhecer o projeto completo, acesse: [www.ciaartecultura.com.br](http://www.ciaartecultura.com.br). Nós, da Revista Xapuri, vamos acompanhar de perto!



**Zezé Weiss**  
Jornalista. Editora da Revista Xapuri.

@zezeweiss



# O BRASIL DO CAPITÃO XAWARA

Lúcio Flávio Pinto



Foto: divulgação

Quase três mil militares integram o governo Bolsonaro, que tem 16 meses de vida. Nenhum dos seis governos do regime militar, que se sucederam ao longo de 21 anos, entre 1964 e 1985, incluindo a junta formada pelos chefes das três forças armadas (entre a doença de Costa e Silva e a assunção de Garrastazu Médici, 1968-69), houve tantos militares em cada uma delas e no seu conjunto.

A participação de militares foi crescendo de forma progressiva, mas constante. Hoje, é como se o capitão da reserva Jair Messias Bolsonaro tivesse sob o seu comando um efetivo maior do que o de um regimento de exército, podendo dar ordens a oficiais superiores, até mesmo a generais cinco estrelas.

Quando os nomes do general de brigada Albuquerque Lima e dos coronéis Jarbas Passarinho e Mário Andreazza foram especulados para a presidência da República, a impossibilidade prática dessas alternativas esbarrou na resistência dos generais. "Não bato continência para coronel", advertiu logo o general Orlando Geisel, irmão do então presidente, ao qual dava suporte na tropa.

Os bolsonaristas podem alegar que essa mudança foi positiva e seria mesmo incontornável. Os militares mandam nos quartéis, mas foi Bolsonaro o eleito, circunstância que confere legalidade e legitimidade ao seu poder de mando, inclusive como comandante-em-chefe das Forças Armadas.

É verdade. Desde então, porém, o que o capitão tem feito é desfazer os elos com essa origem e solapar as bases do único regime que possibilita a representação dos cidadãos no poder pelo voto direto e universal: a democracia. A militarização do governo, como nunca antes na história republicana brasileira, não é fortuita nem casual.

O propósito de colocar as Forças Armadas como avalistas compulsórias de um membro da corporação, o único que chegou ao topo do poder pelo voto da maioria dos eleitores brasileiros, se evidencia de múltiplas maneiras. Como na ocupação de um cargo tipicamente civil, a chefia da Casa Civil da Presidência da República, por um general, Braga Netto.

É verdade que o general Golbery do Couto e Silva ocupou a função nos governos de Geisel e Figueiredo, mas ele tinha um longo histórico como anfíbio, com um pé na caserna e outro na sociedade política. Foi até presidente da multinacional Dow Chemical. E era um dos principais ideólogos da união civil-militar através da Escola Superior de Guerra, a Sorbonne brasileira.

O pior, Bolsonaro fez agora. Colocou um general, Eduardo Pazuello, no Ministério da Saúde, no lugar dos médicos Luiz Eduardo Mandetta (também político) e Nelson Teich (só médico). Maravilhas da capacidade de articulação em logística e comando administrativo são atribuídas ao general, mas ele é um neófito total em saúde. Alguma coisa explica esse ministério ter tido sempre um médico por chefe.

A irresponsabilidade de Bolsonaro nesse caso é chocante. Com o mando militar, ele transformou o Ministério da Saúde num quartel. Essa configuração seria até apropriada. O combate à pandemia do coronavírus não é uma guerra? Nada mais natural do que um general estar à frente (ou à retaguarda) da tropa (civil, porém, neste caso). Aplica-se a velha frase do líder francês Clemenceau: "A guerra é um assunto grave demais para entregá-la aos militares"?

Não é preconceito contra os militares. A França entende bastante de guerra e Clemenceau era um político conservador – e respeitado. É dele também a frase duríssima: "O nacionalismo é o covil dos canalhas". Não acrescentou: covil dos políticos.

Bolsonaro sabotou deliberadamente o trabalho do ministro que escolheu para substituir Mandetta, com o qual não se entendeu – por deliberada decisão de não buscar entendimento. Presumia-se que, para o bem ou o mal, ele tinha resolvido esse problema.

Mas Teich não sobreviveu sequer um mês. Por um motivo simples: queria atender o presidente, mas sem ignorar a ciência, tanto para evitar a contaminação (e curá-la) como para enfrentar racionalmente a doença.

Teich logo percebeu que a conciliação era impossível. O presidente, que nada entende da questão, como admitiu na reunião do ministério no mês passado, tem certezas absolutas e não abre mão delas. O problema é sujeitar milhões de pessoas à condição de cobaias, conforme o recado da OMS, ao decidir suspender as pesquisas com a cloroquina, endeusada por Bolsonaro.

Pelas declarações que ele deu (com outra fisionomia e postura), conclui-se que Teich estava na direção certa ao dar ênfase na universalização dos testes para definir um isolamento seletivo, a partir da revelação das informações sobre cada uma das realidades a atacar.

Nem isolamento vertical nem horizontal. O Brasil ainda não chegou a 750 mil testes (os EUA têm 15 milhões), 3.461 testes por milhão de habitantes (EUA, 46 mil; Rússia, 61 mil, com sete vezes menos mortes do que o Brasil).

Ninguém mais discorda do presidente que, sem ser médico nem entender de medicina, se transformou em pajé branco. Mas o Brasil conseguiu ser o segundo do mundo em casos e mortes por coronavírus, passando a ser tratado como o novo epicentro mundial da doença. Agora, quem tiver saído ou passado pelo Brasil, não poderá pousar nos Estados Unidos. Ordem de Donald Trump, que está em vigor. Não para o seu amigo Jair Messias Bolsonaro, evidentemente.



**Lúcio Flávio Pinto** – Jornalista. Professor. Sociólogo. Um dos mais prestigiados profissionais da imprensa brasileira, é o único brasileiro na lista dos 100 mais importantes jornalistas da ONG Repórteres sem Fronteiras. Seus escritos são publicados em seu próprio site [www.lucioflaviopinto.com.br](http://www.lucioflaviopinto.com.br) e [www.amazoniareal.com.br](http://www.amazoniareal.com.br).



## PÃO DE QUEIJO, O MINEIRINHO MAIS AMADO DO BRASIL

Lúcia Resende

– O café está pronto! Isso, em mineirês, significa dizer que a merenda está na mesa. E o pão de queijo também, claro! No Triângulo Mineiro, que é de onde vim, casa sem pão de queijo e sem biscoito de polvilho não é genuína.

Aqui em casa seguimos o costume aprendido. Chegou gente, tem sempre um café e uns dedos de prosa. Graças à modernidade, tenho sempre um pacote de pão de queijo congelado, pra assar ligeirinho e servir, seja a uma visita ou aos netos e netas.

Como aprendi a fazer pão de queijo já não me lembro, mas o conheço desde sempre e o faço há muito tempo, décadas mesmo. Aqui em Goiás, a minha é só uma das incontáveis casas onde ele reina absoluto na hora do lanche.

Fato é que há muito esse mineirinho está nas mesas brasileiras de um canto a outro do país, extrapolou fronteiras e virou referência nossa no exterior.

Quando surgiu? Os registros apontam que foi na época da mineração nas Gerais, no século 18. Conta-se que, na região de Ouro Preto, era grande a aglomeração de pessoas e começou a faltar comida, porque as questões logísticas provocavam enormes atrasos na chegada de produtos, entre os quais a farinha branca, que vinha de longe e era base das quitandas. Às vezes, quando chegava, nem prestava mais, estava mofada ou cheia de carunchos.

Mas, se faltavam alguns produtos, outros sobravam. Havia fartura de queijo, mandioca, milho, leite, ovos, gordura, por exemplo. Criativas desde sempre, as quitandeiras de Minas começaram a substituir a farinha de trigo pelo fubá de milho ou polvilho de mandioca, produzidos ali mesmo, nas suas receitas.

Foi assim que as sobras de queijo começaram a ser raladas, ou picadas e misturadas com ovos, gordura, leite e/ou água e polvilho, enroladas na palma da mão em forma de bolinhas e assadas no forno a brasa. Não se sabe quando, o tal pãozinho foi batizado de pão de queijo, e a receita foi sendo aprimorada até virar essa gostosura, o mineirinho mais amado do Brasil.

Modos de fazer há muitos, com polvilho (escaldado ou não) doce, azedo, ou os dois, leite e/ou água e bastante queijo, sempre.

Aqui em casa, a receita que faço é com polvilho doce escaldado, e posso garantir que é boa!

### INGREDIENTES

5 copos de polvilho

1 copo de água

1 copo de leite

1 copo (menos 1 dedo) de óleo

3 copos de queijo ralado

Sal a gosto

Ovos (geralmente 4 a 6, depende do tamanho do copo)

### MODO DE FAZER

Ferva a água, o leite, o sal e o óleo. Coloque o polvilho em uma bacia, escale com o líquido quente, aos poucos, misturando com cuidado, até que todo o polvilho esteja umedecido. Deixe esfriar até ficar morna a mistura. Acrescente o queijo e os ovos (um a um), amassando bem, até obter uma massa lisa (não se esqueça de provar o sal), nem dura, nem mole, em ponto de enrolar (passe um pingo de azeite, ou óleo, na mão). Asse em forno preaquecido, 180°. Depois, é só fazer um bom café e chamar a turma!



**Lúcia Resende**  
Professora

 @mluciacres

## COMO SECAR FLORES E FOLHAS

Henda

Colha as flores e as folhas em dia seco, solarento e sem vento. Não as colha jamais em um dia chuvoso.

As flores devem ser colhidas mal se abram, para que seus princípios ativos sejam preservados.

Colha, antes do sol nascer, as flores que se abrem de dia e, depois de o sol deitar-se, as flores que se abrem à noite.

Depois de colhidas, lave-as rapidamente, para retirar-lhes qualquer sinal de poeira. Sacuda delicadamente os ramos, até eliminar a água. Amarre os galhos em pequenos molhos e dependure-os pelas hastes em lugar seco, deixando-os secar de 15 a 30 dias.

Pode, igualmente, espalhar as flores e as folhas sobre uma peneira de palha e guardá-las em lugar seco e sombrio, tendo o cuidado de agitá-las de quando em quando.

Em dias de sol, ponha as flores e as folhas a secar ao ar livre, recolhendo-as ao final do dia, para evitar o sereno da noite e o orvalho da manhã.

Quando totalmente secas, pique em pedacinhos.

Quanto às sementes, colha-as quando estiverem quase secas e deixe-as ao sol por mais ou menos 15 dias.

Flores, botões, folhas, sementes e raízes devem ser secados e guardados separadamente.

Guarde as plantas secas e picadas em vidros hermeticamente fechados e ponha-os ao abrigo da luz e da umidade.

Se observar qualquer sinal de umidade, leve flores, folhas e sementes a secar por mais tempo.

**Henda** - Escritora, em Segredos de Tias e Flores. Editora Relume & Dumará, 1994.

# LUCÉLIA SANTOS: ESTRELA DAS BOAS CAUSAS

Jaime Scutchuk

Foto: divulgação

Esteja onde estiver, no interior de Goiás, num festival de cinema, ou em Pequim, na China, sendo homenageada pela cúpula governamental, é tudo motivo de alegria, e por isso feito com muito amor. Assim é Maria Lucélia dos Santos, ou Lucélia Santos, atriz mundialmente famosa, mas moça simples, destemida, sempre disposta a levantar a bandeira da democracia, a lutar contra o fascismo, em qualquer lugar que esteja.

No Timor-Leste, pequeno país (1,5 milhão de habitantes) de língua portuguesa no sudeste asiático, então sob a dominação da Indonésia, ela se tornou amiga de José Ramos Horta, agraciado como Prêmio Nobel da Paz, e outros líderes locais, que lutaram pela independência e, depois, assumiram o poder. Lucélia viveu uns tempos por lá, pra ajudar na reconstrução, e deixou muitos amigos em Dili, a bela e semidestruída capital, com pouco mais de 200 mil habitantes.

Os números foram bem mais robustos ali perto, na China, em 1977, quando mais de um bilhão de chineses assistiram à telenovela *Escrava Isaura*, seu primeiro sucesso na TV. O livro do escritor mineiro Bernardo Guimarães, de 1875, que originou a novela, foi reeditado pelos chineses e vendeu 300 mil cópias, um estouro, mesmo num país tão populoso.

Em 1985, Lucélia foi homenageada pelo governo daquele país e ganhou o prêmio "Águia de Ouro", oferecido pela primeira vez a uma artista estrangeira pela população chinesa, através do voto direto. Tudo comprova que *Escrava Isaura* é o produto mais dublado e exibido no mundo, no gênero telenovela, segundo uma pesquisa do programa americano *Good Morning America*.

O romance narra a história de uma escrava branca, refinada, muito bonita, que se tornou um libelo antiescravagista por atingir principalmente o público feminino, como queria o autor. Ao escrever essa obra, Bernardo Guimarães, nascido em 1825, em Ouro Preto (MG), havia se formado em Direito em São Paulo, trabalhado como Juiz de Direito em Catalão, Goiás, e virado jornalista no Rio, três anos antes de escrever e publicar *Escrava Isaura*. Conhecia, pois, as agruras da escravidão em boa parte do país.

À época, o livro fez muito sucesso. E despertou a atenção do imperador Dom Pedro II, que gostou da obra e passou a manter contatos com o autor. Ele via importância de *Escrava Isaura* no processo de abolição da escravidão, que estava em curso naquele momento. E, uma vez mais, demonstrava sensibilidade a questões nacionais e às manifestações artísticas.

## ARTE E POLÍTICA

Talento nas artes e posicionamento político são atributos de Lucélia desde a infância. Nasceu e cresceu em Santo André, o "A" do ABC paulista. Seu pai, eletricitista, era operário da multinacional francesa *Rhodia*, a mãe, dona de casa, e moravam numa casa com quintal espaçoso, árvores e flores, que ficava bem em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, que foi presidido por Luiz Inácio Lula da Silva e era importante centro político da época.

"Eu via tudo da janela de casa, dali conheci Lula e vi nascer o PT (Partido dos Trabalhadores)", lembra Lucélia. E ressalta que teve uma "infância muito feliz, naquela casa, brincando com meus dois irmãos, com muitos gatos e cães, porque os cachorros abandonados que eu encontrava, eu recolhia – cheguei a ter 14, pra desespero de minha mãe".

Em 1972, aos 14 anos, fez um teste e foi escolhida pra encenar a peça infantil "Dom Chicote Mula Manca e seu fiel companheiro Zé Chupança", iniciando a carreira em São Paulo. Depois de fazer um curso com o teatrólogo russo Eugênio Kusnet, que trabalhava com Zé Celso, no Teatro Oficina, atuou na montagem de *Godspell*, já no Rio de Janeiro, pra onde se mudou aos 17 anos. Em seguida, participou de *Rock Horror Show* e da peça *Transe no 18*.

"Eu estava explodindo no teatro, com uma peça atrás da outra e estava numa delas, com o grande Milton Moraes, quando fui chamada pra fazer a telenovela *Escrava Isaura*, na Globo", conta Lucélia. O Brasil vivia em plena ditadura e no mundo da Guerra-Fria, a novela fez sucesso em vários países da antiga União Soviética, inclusive na Rússia e na Ucrânia, que foram visitados por ela.



### NO CAMINHO

No Rio, em 1975, conheceu e se casou com o maestro John Neschling. Viveram juntos até 1985 e tiveram o seu único filho, o ator Pedro Neschling, que tem uma filha pequenina, a netinha Carolina, querida da vovó Lucélia, que o Coronavírus não a deixa abraçar o tempo todo.

E ali mesmo, de novo, a política cruzava o seu caminho. O marido de uma amiga dela era preso político, e estava recolhido no Presídio da Frei Caneca, juntamente com muitas outras lideranças políticas também enclausuradas pela ditadura. Assim, nas visitas que fazia, acompanhando sua amiga, os papos que rolavam eram, no mais das vezes, sobre política.

Com a reabertura política e a reorganização partidária, após o fim do regime militar, Lucélia ajudou a organizar o Partido Verde (PV), que tinha o propósito de ser o principal porta-voz da causa ambiental no Brasil. Nesse processo, ela conheceu uma liderança que surgia no Acre e percebeu a dimensão do seu trabalho, diante do desenvolvimento da Amazônia. Era o seringueiro Chico Mendes.

"Eu percebi que se tratava de uma grande liderança, que tinha proposta concreta de trabalho, e propus uma aproximação maior, pra ajudar naquela empreitada; então, fui morar em Xapuri, no Acre, mas alguns meses depois o Chico Mendes foi assassinado", conta ela, com a voz embargada. O fato é que ela fez as trouxas e voltou à vida normal, nas grandes cidades.

Em mais de quatro décadas de carreira, Lucélia Santos atuou em cerca de quatro dezenas de novelas e programas especiais da Globo, a

emissora com a qual ela manteve uma relação mais duradoura. No teatro, são incontáveis suas participações como protagonista em espetáculos de todas as modalidades, sempre em companhia de grandes nomes da produção teatral. E, quando jovem, apostar no teatro significava desagradar seu pai, que esperava ver nela uma médica.

No entanto, em meio a isso tudo, ela sempre destrava um doce sorriso pra dizer que, no final das contas, é do cinema que ela gosta mais. Ela conta que sempre teve, desde criança, uma relação muito especial com essa arte, a começar pelo fato de seu pai ter um amigo que era dono de sala de cinema, o que simplificava o acesso.

"A gente tinha relações com a família, de modo que entrava pela porta dos fundos, onde era a casa desses amigos, e via filmes na hora que quisesse", relembra Lucélia, que atuou em 21 longas-metragens, vários deles com roteiros de Nelson Rodrigues, que ela considera "o melhor escritor brasileiro de todos os tempos".

Conversando sobre planos visando o futuro, ela é categórica: "Antes de qualquer coisa, é preciso tirar esse presidente da República, porque ninguém aguenta mais essa situação; de minha parte, vou fazer o que puder pra ajudar a derrubar esse Bolsonaro".

A partir desta edição, Lucélia Santos passa, também, a fazer parte do Conselho Editorial da revista Xapuri, o que engrandece nossa publicação e muito nos honra.



**Jaime Sautchuk** – Jornalista. Editor da Revista Xapuri.



# UM MUNDO QUE ACABOU

Ailton Krenak

O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais – sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros –, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza.

O Watu, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do rio Doce, entre Minas Gerais e Espírito Santo, numa extensão de 600 quilômetros, está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos, acompanhando o rio em coma.

Desde 2015 que esse crime – que não pode ser chamado de acidente – atingiu as nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou.



**Ailton Krenak**

– Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.



# E DAÍ? DIGA LÁ, BABU, O QUE FAZER?

José Ribamar Bessa Freire

**“Meu Deus do céu, como é bom viver! Mas agora, a vida fica tão sangrenta e tão desumana, que dá vontade de desistir dela. Diga lá, Babu! Diga lá! O que fazer?”**

(Nazim Hikmet - 1935)

Nos dias de chuva forte, era infernal o barulho no teto de zinco do Centro *Torü Nguetataü* (Nossa Casa de Estudos) em Benjamin Constant (AM), na aldeia Filadélfia, onde nasceu Aldenor Basques Félix Gutichicü (1976-2020). Eu tinha de gritar nas aulas de História da Amazônia que ministrei, em fevereiro de 1995, para 226 alunos do Curso de Formação de Professores Tikuna.

Eram tantos, que agora recorro às fotos para tentar me lembrar do Aldenor, então com 19 anos e muita fome de viver. Na terça (28), ele morreu em Manaus vítima do coronavírus e de governantes corruptos que durante meio século vêm se apropriando das verbas da Saúde. Foi enterrado na vala coletiva do Cemitério do Tarumã.

Quem conviveu com ele foi a cantora Djuena Tikuna, que dá seu testemunho em sua página do Facebook:

- Carinhosamente chamado de Babu, era um grande entusiasta da nossa cultura. Músico autodidata, tocava violão. Compositor, criamos juntos algumas canções que falam do sagrado. Esbanjava um sorriso de luz. A primeira geração de crianças Tikuna nascidas em Manaus deve a ele o cultivo da língua nativa. Não merecia esse triste

fim, morrer dentro do Uber, longe da família que ficou no Alto Solimões. Amanhã sentirei saudade, hoje só consigo sentir dor, indignação, revolta.

## VIVA LA MUERTE!

Babu? Esse apelido do Aldenor me remeteu imediatamente ao escritor turco Nazim Hikmet que, em 1935, dirigiu a um homônimo o seu poema “Viver”, o que nos permite fazer uma ponte entre o Babu dele e o nosso:

- *Meu Deus do céu, como é bom viver! Viver como se canta em harmonia uma canção de alegria. E no entanto, que negócio estranho, Taranta Babu! Que história mais esquisita de ver que essa coisa tão bela, tão alegre, se tornou hoje terrivelmente nojenta. Há momentos estranhos, como agora, em que os bandidos dão as cartas e a vida fica tão sangrenta, tão desumana e tão insuportável que dá vontade de desistir dela. O que fazer?*

Os bandidos aludidos eram os adeptos do nazismo, do fascismo e do racismo, era a indústria bélica e de “arminhas” que logo faria mais de 40 milhões de

mortos na Segunda Guerra. Era o grito fascista “*Viva la muerte*”, versão que antecedeu o “E daí?”. O triunfo do obscurantismo e do desprezo pela vida chocaram o poeta, que amava a vida e foi preso político da ditadura militar turca durante quinze anos.

O nosso Babu do povo Magüta (Tikuna) - nos conta Clayton Rodrigues, pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - pertencia à nação (clã) de Mutum, da linhagem de penas. Ele participou intensamente das atividades da comunidade *Wotchimaücü*, no bairro Cidade de Deus, zona norte de Manaus, da qual se tornou vice-cacique. Lá as mulheres confeccionavam artesanato, as crianças da primeira geração nascidas na cidade tinham aulas da língua Tikuna, as lideranças indígenas realizavam suas assembleias e reuniões para reivindicar seus direitos.

O Centro Cultural *Wotchimaücü* desenvolve várias atividades de música, de dança, de arte, curtidas pelas 45 famílias que lá vivem e por visitantes indígenas e não indígenas. Aldenor, o Babu, participou como músico e compositor da gravação de “*Cantigas Tikuna Wotchimaücü*” em um CD que teve boa receptividade. Nos últimos anos, atuou como professor indígena na Comunidade de São Leopoldo, em Benjamin Constant, retornando a Manaus no final de 2019.

- Professor, músico, pai, esposo, parente, amigo, Aldenor deixa escrita uma trajetória de luta e resistência de seu povo na cidade de Manaus. Faleceu após apresentar todos os sintomas graves da Covid-19, sem ter tido a possibilidade de fazer o teste. Sua morte revela a dura situação de ser indígena na cidade. Morreu numa insistente busca de assistência médica, diferenciada ou não, nestes tempos de pandemia em que o sistema de saúde apresenta sinais evidentes de esgotamento e os indígenas veem-se abandonados à sua própria sorte. “Além de falecer sem assistência médica apropriada, o corpo de Aldenor permaneceu insepulto por quase 48 horas” - escreveu Clayton.

## OS NOSSOS MORTOS

Com ele ainda vivo, com a respiração fraca, os Tikuna chamaram o SAMU. Inútil. Contrataram um Uber para levar Aldenor ao Hospital Platão Araújo. Lá, o seu acompanhante teve dificuldades de explicar a urgência da situação por não ser fluente em português.

“O motorista do Uber precisou ir até a recepção do hospital e explicar o que estava acontecendo, mas nem chegaram a tirá-lo do carro. Não tinha vaga no hospital e não adiantava mais. O mesmo Uber que levou ele ao hospital o trouxe de volta para a comunidade” - contou Aguililson Tikuna, em matéria publicada pela Agência Amazônia Real. Enquanto aguardavam a chegada do serviço SOS Funeral, da Prefeitura de Manaus, os moradores da comunidade acomodaram o corpo de Aldenor Félix em duas mesas instaladas dentro da igreja evangélica da comunidade *Wotchimaücü*.

No espaço do jornal, como nos cemitérios, já não cabem tantos corpos. Enquanto eu escrevia esse texto, minha amiga Verônica Manauara, que reside no Alto Solimões, me enviou notícia de muitas outras mortes de Kokama e Tikuna, alguns professores, que morreram em suas casas, sem atendimento médico, entre eles

outro ex-aluno, o professor Anselmo Samias Kokama, que lecionava História na Escola Municipal Indígena Marechal Rondon. A subnotificação acaba distorcendo os dados. A lista da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), embora incompleta, cresce a cada hora.

O povo Kokama perdeu, entre outros, Anselmo Samias, Augustinho Samias, Delvanir Marinho, irmã do cacique da Comunidade Nova Esperança, Idelfonso Tananta, Antônio Frazão, Antônio Castilho, Lindava Moura, Lucildo Pedrosa da Costa, Maria Vargas. De outras etnias, Aldevan Baniwa, Aldenor Tikuna, Abezio Flores Tikuna, Valter Elizardo Tikuna, Ozaniel Mura, Adilson Apurinã, Clevelande Apurinã, Domingos Baré, Otávio Sateré-Mawé, Jorge Pereira Tukano, ex-presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN).

Cada morte deixa um rastro de dor, de sofrimento, de aflição. Em Manaus, morreram também dois professores da UFAM - Oswaldo Coelho e João Bosco Barreto. Não está sendo possível nem prantear os nossos mortos, que no Brasil se aproximam dos 7 mil. Quando se trata de morte de indígenas, tem um agravante: se morrerem 100 velhos Kokama, uma língua desaparece para sempre do planeta, com os conhecimentos que ela guarda.

E daí? - brada com crueldade aquele que deveria estar comandando a luta contra o vírus e que se torna responsável por muitas mortes causadas pela “gripezinha”. A necropolítica do governo Bolsonaro agrava a situação quando a Funai, em plena pandemia, publica no Diário Oficial da União (22/04/2020) uma Instrução Normativa que permite o repasse de títulos de terra a particulares dentro de áreas indígenas, o que é ilegal e inconstitucional, segundo o Ministério Público Federal. Não temos dúvida de que os genocidas serão julgados pelos crimes contra a humanidade, como o foi o alto escalão nazista no Tribunal Internacional de Nuremberg.

Diga lá, o que fazer, Babu? Como lutar para recuperar a alegria de viver?

P.S.1 - Mais informações podem ser obtidas nas páginas de: Djuena Tikuna, Altaci Kokama Rubim, Nova Cartografia Social da Amazônia, Amazônia Real (fotos Aguililson Tikuna, Fernando Crispim/La Xunga/Amazônia Real com texto de Elaize Farias e Izabel Santo), Instituto Socioambiental e De olho nos ruralistas (especialmente matéria de Maria Fernanda Ribeiro).

P.S. 2 - No meio de tantas mortes, um sinal de vida: Lígia Bahia de Mendonça defendeu (30/04) sua tese de doutorado: *Edificar e Instruir: Missões Jesuítas nas cartas do Padre Raphael Maria Galanti na Woodstock Letters (1880-1910)* no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, orientada por Ana Chrystina Mignot.

P.S.3 - Sobre Nazim Hikmet ver <http://taquiprati.com.br/cronica/1368-nazim-hikmet-a-vida-e-alegre-ma-non-troppo>

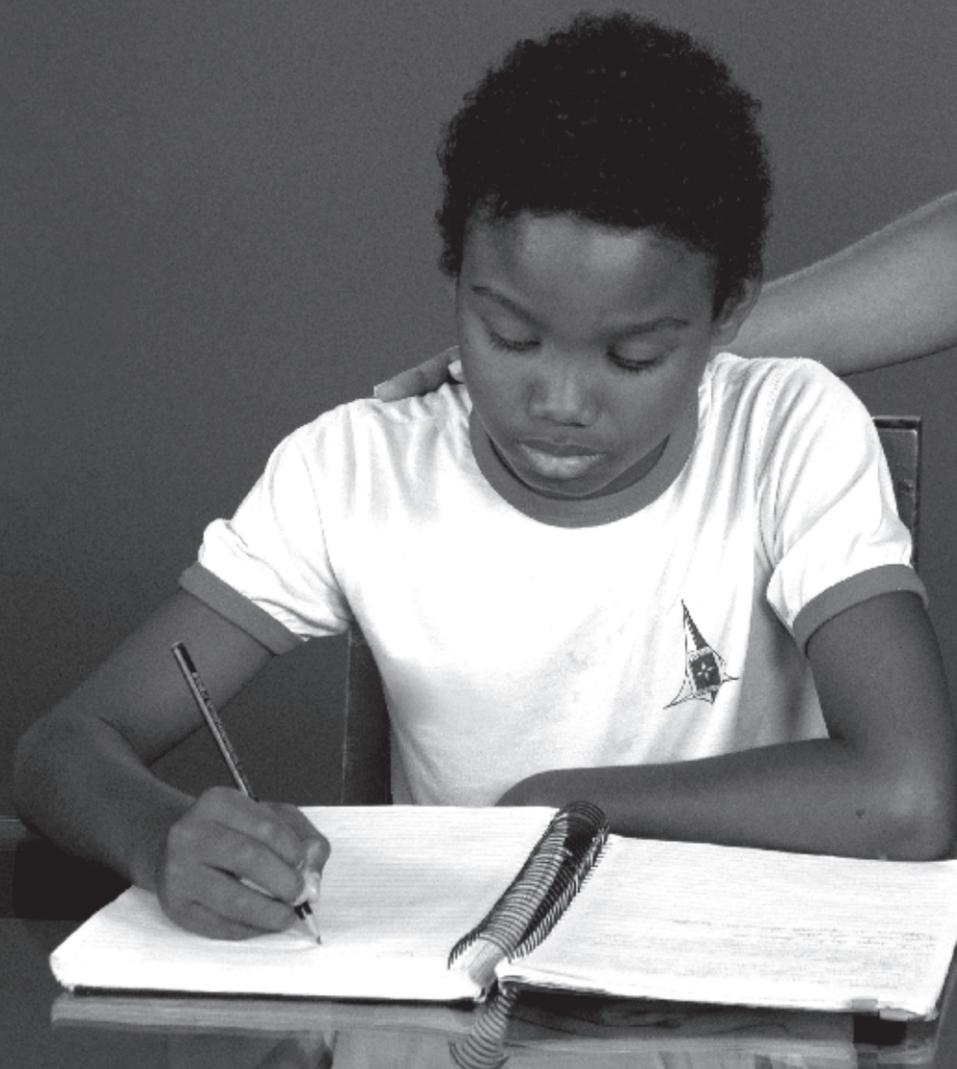


**José Ribamar Bessa Freire** - Professor. Escritor. Gestor do site [www.taquiprati.com.br](http://www.taquiprati.com.br), onde esta matéria foi originalmente publicada.

# NÃO SOMOS COBAIAS!

#FiqueEmCasa

*a Educação  
não pode MORRER*





# UMA LEITURA DE CEGO DA ENCÍCLICA LAUDATO SI

Leonardo Boff

Um cego capta com as mãos ou com seu bastão as coisas mais relevantes que encontra pela frente. Pois assim tentaremos fazer uma leitura de cego acerca da encíclica ecológica do Papa Francisco, *Laudato Si*: sobre o cuidado da Casa Comum, cujos cinco anos (24/05/2015) acabamos de celebrar. Quais são seus pontos relevantes?

Antes de tudo, não se trata de uma encíclica verde que se restringe ao ambiente, predominante nos debates atuais. Propõe uma ecologia integral que abarca o ambiental, o social, o político, o cultural, o cotidiano e o espiritual.

Quer ser uma resposta à generalizada crise ecológica mundial porque “nunca maltratamos e ferimos a nossa Casa Comum, como nos últimos dois séculos” (n.53); fizemos da Casa Comum “um imenso depósito de lixo” (n.21). Mais ainda: “As previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia... nosso estilo de vida insustentável só pode desembocar em catástrofes” (n.161). A exigência é de “uma conversão ecológica global” (n.5; 216), que implica “novos estilos de vida” (repete 35 vezes) e “converter o modelo de desenvolvimento global” (n.194).

Chegamos a esta emergência crítica por causa de nosso exacerbado antropocentrismo, pelo qual o ser humano “se constitui um dominador absoluto” (n.117) sobre a natureza, desgarrado dela, esquecendo que “tudo está interligado e que por isso ele “não pode se declarar autônomo da realidade” (n.117; 120). Utilizou a tecnologia como instrumento para forjar “um crescimento infinito... o que supõe a mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta, que leva a espreme-lo até ao limite para além dele” (n.106).

Na parte teórica, a encíclica incorpora um dado da nova cosmologia e da física quântica: que tudo no universo é relação. Como num ritornelo, insiste que “todos somos interdependentes, tudo está interligado e tudo está relacionado com tudo” (cf. nn.16, 86,117,120), o que confere grande coerência ao texto.

Outra categoria que constitui um verdadeiro paradigma é o do cuidado. Este, na verdade, é o verdadeiro título da encíclica. O cuidado, por ser da essência da vida e do ser humano, segundo a fábula romana de Higino, tão bem explorada por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* é recorrente em todo o texto da encíclica. Vê em São Francisco “o exemplo por excelência do cuidado” (n.10). “Coração universal... para ele qualquer criatura era uma irmã unida a ele por laços de carinho, sentindo-se chamado a cuidar de tudo o que existe” (n.11).

É interessante observar que o Papa Francisco une a inteligência intelectual, apoiado nos dados da ciência, à inteligência sensível ou cordial. Devemos ler com emoção os números e relacionarmos-nos com a natureza “com admiração e encanto (n.11)... prestar atenção à beleza e amá-la, pois nos ajuda a sair do pragmatismo utilitarista” (n.215). Importa “ouvir tanto o grito da Terra quanto o grito dos pobres” (n.49).

Consideremos este texto, carregado de inteligência emocional: “Tudo está relacionado e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos, como irmãos e irmãs, numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma de suas criaturas e que nos une também com terna afeição ao irmão Sol, à irmã Lua, ao irmão rio, e à Mãe Terra” (n.92). Importa “incentivar uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade” (n.231), pois assim “podemos falar de uma fraternidade universal” (228).

Por fim, é essencial à ecologia integral a espiritualidade. Não se trata de derivá-la de ideias, mas das motivações que dão origem “a uma espiritualidade para alimentar a paixão pelo cuidado do mundo... Não é possível empenhar-se em coisas grandes, apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima, sem uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária” (n.216). Novamente evoca aqui a espiritualidade cósmica de São Francisco (n.218).

Concluindo, releva enfatizar que com esta encíclica, ampla e detalhada, o Papa Francisco se coloca, como notáveis ecologistas o reconheceram, na vanguarda da discussão ecológica mundial. Em muitas entrevistas, referiu-se aos riscos que corre nossa Casa Comum. Mas sua mensagem é de esperança: “caminheemos cantando, que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta, não nos tirem a alegria da esperança” (n.244).



**Leonardo Boff** – Escritor. Teólogo. Escreveu *como cuidar da Casa Comum*, *Vozes 2018* e *A opção Terra: a solução da Terra não cai do céu*, Record 2009.



# DEUSA HÉCATE: A PRESTIGIADA DO TEMPO

Iêda Vilas-Bôas  
Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno

Sua figura é sempre de extrema sabedoria e de prestígio, dona de grande honra, de força de luta, de conhecimento por sobre o Tempo. Sua energia se forma por exatos e, por vezes, complexos elementos: glória, poder, bondade, justiça e força.

Hécate é aquela que conhece a mais nobre e grande energia, e a mais terrível delas também. Refugiou-se no "Olimpo Luminoso", de Camões, e nos tecidos escuros de Hades, quando foi necessário. Conhece e tem sabedoria para e por tudo. Não obedece a um arquétipo; ela é a curva, a reta, o oblíquo e o ponto.

Uma grande mãe com o poder lunar do passado, presente, futuro e o prestígio de reger várias esferas de energia. Domina o mal, o bem, o equilíbrio. Está presente, por controlar o tempo: onipresença e onipotência. A ciência também lhe pertence. É a mais forte dos sobreviventes, segundo lendas. A própria mãe-terra segundo vários creem. Dona das linhas de morte-vida. A passagem é dela também. O que não seria?

Essa deusa enfrentou os antigos Titãs, da mitologia grega. Os Titãs reclamaram o poder do Universo para si, e Hécate foi a única que manteve sua autoridade e poder independente. Podemos considerá-la como uma Deusa perfeita e completa. Sua força se estende por terra, mar e submundo, por assim ter percorrido e dominado a tudo, sendo honrada por todas as divindades.

A Deusa Hécate mantinha domínio e conhecimento profundo a respeito do uso de energias de animais, ervas e plantas, inclusive as venenosas. Outro grande poder de Hécate é atuar, com seu poder, na mudança do curso dos rios e prever as trajetórias da lua e das estrelas.

Atualmente, Hécate é reverenciada pelas devotas da seita Wicca, principalmente. Ela é considerada a mãe-bruxa. Justamente por toda sua energia e glória, assim como se dá seu chamado. Ela também é conhecida pelo nome de Deusa das Bruxas ou como Hécate a Deusa Tríplice, Deusa dos Encantamentos, Deusa dos Caminhos e Senhora da Encruzilhada.

Hécate é uma das deusas que simbolizam o sagrado feminino, ela possui a mesma energia da própria Gaya; talvez nomes diferentes para a mesma força feminina de sabedoria, prestígio, poder, criação e glória.

Além disso, é a Deusa Tríplice representada com três corpos ou três cabeças humanas. Cada uma de suas cabeças traz a forte simbologia da lua e dos ciclos da natureza. As luas Crescente, Cheia e Minguante estão presentes em forma de tiaras. Em suas mãos a Deusa carrega um par de tochas, uma chave e uma adaga – seus poderosos símbolos. Ao seu lado, também, carrega uma coruja, a expressão de sua sabedoria, e cães – expressão da lealdade.

A Deusa Hécate representa o caos, a harmonia e todas potencialidades do feminino primário e essencial. Sua forma tríplice simboliza os 3 níveis de entendimento do mundo: o céu, terra e o mundo subterrâneo. Por dominar os elementais da natureza a Deusa Tríplice possui conhecimento do passado, para compreender o presente e prever o futuro.

Na língua grega, Hécate significa "aquela que age como lhe agrada" ou "aquela que fere à vontade". A Deusa Hécate era tão respeitada por todas as divindades da Grécia antiga que Zeus lhe concedeu o poder de negar ou conceder desejos à humanidade. Ela é lembrada e contada através do tempo pelos seus feitos e seus muitos atributos. Dizem que sua benevolência alcançava a todos que lhe pediam graças e devotavam respeito a ela, colocando estátuas que se assemelhavam a sua aparência e as melhores comidas nas encruzilhadas, em forma de Y para os seus inúmeros cães.

Podemos conhecer Hécate pelas suas boas qualidades: provedora de bens e favores; concessora de prosperidade e abundância; provedora do dom da eloquência; orientadora da vitória nas batalhas e nos jogos; e favorecedora da pesca, do plantio e da colheita.

Com o advindo, a dominação e a sustentação do patriarcado na sociedade, a Deusa Hécate, propositalmente, passou a ser reconhecida de maneira negativa. Deram a ela os atributos de encantamentos maléficos e da necromancia. Entretanto, seu culto ultrapassou milênios e ainda hoje pode ser cultuada como a inventora da feitiçaria e da magia.

Há registros de que Medeia foi sacerdotisa de Hécate e que a própria Deusa lhe ensinou a realizar rituais de bruxarias para manipular com habilidade singular ervas mágicas e venenos.

Por vagar à noite pela Terra acompanhada de espíritos e fantasmas, Hécate é também chamada de Deusa dos Encantamentos. Em noites de Lua Nova, ela percorre becos e escuros caminhos com seus cães, recolhendo as almas dos mortos, encaminhando-as para o Mundo Cósmico e, por vezes, surpreendendo viajantes, desavisados de sua existência e muitos bêbados. Porém, através de seus feitiços, raramente a Deusa Hécate se deixa ser vista pelos olhos humanos, mas os latidos de seus cães anunciam sua presença.

A Deusa Hécate é protetora da independência das mulheres e do Sagrado feminino, Deusa das terras selvagens e dos partos. Conhecida, também, por defender mulheres vítimas de violência com a realização de rituais de proteção, afirmação e transformações. É a Deusa que aponta soluções por meio de recomeços. Tem o poder de abrir caminhos, clarear mentes confusas e acalmar corações. A tocha que traz em suas mãos ilumina situações e assuntos escondidos. Hécate faz com que, especialmente as mulheres tomem mais conhecimento de si mesmas e de seus poderes para que possam atuar com sabedoria, na natureza e na sociedade.

## Ave, Hécate!



**Iêda Vilas-Bôas** –  
Escritora.



**Reinaldo Filho Vilas Boas** –  
Escritor.

# EMENDA CONSTITUCIONAL 95: ACABAR AGORA PARA *cuidar* DAS PESSOAS.

A Emenda Constitucional (EC) 95 (Teto de Gastos) causou efeitos perversos no financiamento de políticas sociais, principalmente nas áreas de saúde, educação, habitação, segurança alimentar e assistência social, agravados pela pandemia da Covid-19. Na saúde, já foram perdidos mais de R\$ 30 bilhões. Na educação, R\$ 7 bilhões já deixaram de ser investidos e a Emenda continua em vigor. Mas ainda há tempo de agir: o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal precisam, como manda a Constituição, cuidar das pessoas.

#AcabaTetoDeGastos

APOIO:

**CNE** Confederação Nacional dos  
Trabalhadores em Educação  
www.cnte.org.br

Filial à  
**CUT**  
Internacional  
da Educação

**CEA**

**FNPE**  
Fundação Nacional de Estudos  
e Pesquisas em Educação



## **XAPURI**

### **CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.  
*VENI COM A GENTE!*

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL** R\$ **210**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **270**,00  
24 EDIÇÕES

**ASSINE JÁ!**

[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)